



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

A CRÔNICA ESPORTIVA BRASILEIRA
Da emoção nas narrativas aos textos analíticos

Camila de Araujo Mesquita Nogueira

Rio de Janeiro
2011

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação – ECO

A CRÔNICA ESPORTIVA BRASILEIRA
Da emoção nas narrativas aos textos analíticos

Monografia apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

CAMILA DE ARAUJO MESQUITA NOGUEIRA

Orientadora: Prof. Dr: Paulo Castro

Rio de Janeiro
2011

NOGUEIRA, Camila de Araujo Mesquita.

A crônica esportiva brasileira: Da emoção nas narrativas aos textos analíticos. Rio de Janeiro, 2011.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2010.

Orientador: Paulo César Castro

1. Jornalismo Esportivo. 2. Crônicas. 3. Futebol. I. CASTRO, Paulo César II. ECO/UFRJ III. Jornalismo IV. Professor Doutor.

NOGUEIRA, Camila de Araujo Mesquita Nogueira. A crônica esportiva brasileira: Da emoção nas narrativas aos textos analíticos. Rio de Janeiro, 2011. Orientador: Paulo César Castro. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010. Monografia do Bacharelado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

O trabalho aborda o surgimento, o desenvolvimento e o possível fim da crônica esportiva brasileira. Ao longo dos anos o literato foi substituído pelo especialista em futebol, um analista, um racional para contrapor a passionalidade do torcedor. O estudo propõe uma análise comparativa entre as crônicas esportivas de Mário Filho e Nelson Rodrigues e as recentes publicações dos jornalistas Fernando Calazans, Renato Maurício Prado, jornalistas do O Globo, e Juca Kfourri, da Folha de S. Paulo, afim de avaliar se os textos atuais se enquadram nas características e definições do gênero crônica.

Palavras chave:

Jornalismo esportivo, crônicas, futebol.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	1
2 A CRONICA BRASILEIRA	4
2.1 Definições e origem no Brasil.....	4
2.2 Afinal, jornalismo, literatura ou um pouco dos dois?.....	6
3 JORNALISMO ESPORTIVO: INÍCIO CHEIO DE OBSTÁCULOS	10
3.1 Remo, turfê e o Sul-americano de 1919.....	10
3.2 Mário Filho: fim da "pré-história" na crônica esportiva.....	13
3.3 De 1950 a 1970: craques na redação.....	18
3.4 Nelson Rodrigues: crônicas eternas.....	19
4 FIM DE UMA ERA?	25
4.1 Cenário do futebol no século XXI.....	26
4.2 Fim do romance; reino da objetividade.....	29
4.3 Três referências atuais.....	32
5 ANÁLISE COMPARATIVA	37
6 CONCLUSÃO	45
7 BIBLIOGRAFIA	48

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a monografia **A crônica esportiva brasileira: Da emoção nas narrativas aos textos analíticos.**, elaborada por Camila de Araujo Mesquita Nogueira.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Paulo César Castro – orientador

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa

Prof. Dr. Fernando Mansur

1 INTRODUÇÃO

O futebol é um elemento identificador do nosso país, uma marca da nossa nacionalidade, reconhecida inclusive no exterior, a ponto do Brasil ser considerado o país do futebol mesmo o berço do referido esporte estando do outro lado do Atlântico, na Inglaterra. Por mais que a frase seja exaustivamente repetida, o futebol é uma paixão nacional. E uma paixão pessoal, nascida ainda na infância.

Desde que entrei pela primeira vez na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em agosto de 2006, imaginei que minha monografia de final do curso seria relacionada ao esporte. Ao longo do curso, o Fluminense Football Club me aproximou de Nelson Rodrigues, minha paixão em comum com o famoso dramaturgo.

Leitora assídua dos cadernos de esporte e dos jornais especializados, Nelson Rodrigues me trazia algo que não encontrava em nenhum desses veículos. Textos sobre partidas da década de 1950 me faziam gargalhar ou me emocionar. Por que uma sensação tão diferente da que tenho ao ler as colunas atuais? Por que a decepção ao esperar os jornais do dia seguinte a um título? A princípio imaginei que seria uma má vontade minha ou aquela mania de achar que as coisas do passado são melhores, mais ricas. Entretanto, no ano passado, ao ler as homenagens feitas na ocasião do falecimento de Armando Nogueira, grande nome da crônica esportiva brasileira, me deparei com a seguinte frase: “O que mais marcou nele foi a delicadeza no trato de tudo, um extremo rigor na língua portuguesa. Eu diria que ele foi um dos últimos cronistas esportivos do Brasil”. O autor dela é Juca Kfoury, respeitado jornalista esportivo, colunista da Folha de S. Paulo. Considero que sua frase foi o ponto de partida para a decisão do tema deste trabalho. Estabelecer uma comparação entre a antiga e a nova crônica esportiva, com ênfase no futebol, seria uma forma de analisar se Juca Kfoury tem razão ao dizer que, após a morte de Armando Nogueira, a crônica esportiva não existe mais.

Outro motivo que me fez escolher o tema foi a oportunidade de estar mais perto das crônicas de Nelson Rodrigues e de descobrir melhor Mário Filho, cujos textos conhecia apenas superficialmente. Apesar de ser um dos principais nomes do jornalismo esportivo, Mário Filho normalmente é menos lembrado do que Armando Nogueira e o irmão Nelson Rodrigues.

Julgo também importante debater os rumos tomados pelas editorias de esportes no Brasil. Considerando a abrangência do esporte na sociedade brasileira e a grande

quantidade de leitores e interessados, ainda é relativamente pequeno o número de material acadêmico sobre o futebol ou o jornalismo esportivo. Há 40 anos, Nelson Rodrigues cunhou a frase: “o intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata”. Como símbolo da identidade nacional, o esporte merece uma atenção especial dos acadêmicos.

Como parece impossível analisar todos os cronistas esportivos brasileiros e todas as transformações no cenário do futebol ao longo do anos, ative-me aos textos de dois cronistas que são referências do início do século passado, Mário Filho e Nelson Rodrigues, e escolhi três nomes atuais, Fernando Calazans, Renato Maurício Prado e Juca Kfourir. A opção por Calazans e Renato se justifica pelo fato de ambos ocuparem, assim como Mario Filho e Nelson Rodrigues, as páginas do caderno de esportes do jornal carioca O Globo. Dessa maneira, o recorte temporal ficaria mais evidente e ajudaria na análise das diferenças e semelhanças textuais e temáticas entre a crônica do meio do século passado e as publicações atuais.

Já a escolha por Juca Kfourir se deu principalmente por se tratar de um jornalista de São Paulo que possui coluna no jornal mais lido do país – a *Folha de S. Paulo*. Kfourir apresenta, nesse contexto, elementos interessantes para a análise textual e temática do momento atual dos textos esportivos. Através de suas colunas seria possível sair do contexto característico do estado do Rio, impregnado nos textos dos quatro jornalistas supracitados, para poder analisar com clareza os aspectos fundamentais e estruturais da mudança que se efetuou nos textos futebolísticos ao longo das últimas décadas. Além disso, ao fazer parte da equipe da *Folha*, Juca Kfourir carrega algumas características editoriais do jornal influente em todo Brasil.

O trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira serão discutidas as questões ligadas à crônica, definições e histórico, por exemplo. Também serão abordadas as peculiaridades do gênero, que mistura jornalismo e literatura, e a constituição dela em solo brasileiro.

A segunda parte faz um apanhado acerca do futebol, sua chegada e os primeiros chutes, sua assimilação e popularização no Brasil. O futebol, depois de conquistar o coração dos brasileiros, “ajudou” o jornal nas bancas, incentivando a compra de inúmeros exemplares, especialmente com notícias que envolviam a seleção brasileira. O jornalismo, por sua vez, serviu para divulgar o futebol. Ora para exaltá-lo, ora para combatê-lo como sistematicamente fazia Lima Barreto, por exemplo. Mas bem ou mal, o futebol ocupava as páginas das folhas. Primeiro como mais uma notícia

perdida entre tantas outras, depois com páginas, manchetes e cadernos. Destaque para o Campeonato Sul-Americano 1919, disputado no Brasil, como fato de interesse dos leitores brasileiros.

Nesse momento o trabalho abre espaço para as realizações esportivas e a análise dos textos produzidos por Mário Filho. O jornalista é reconhecido pelo envolvimento e o incentivo que deu ao esporte brasileiro ao longo da carreira. Mário Filho desempenhou o papel de organizador de diversas modalidades esportivas, em especial o futebol, em que promoveu e popularizou os clássicos do Rio de Janeiro. Também foi figura importante em debates como a profissionalização dos jogadores e a construção do estádio Maracanã – cujo nome oficial é Mário Filho – para realização da Copa do Mundo de 1950. Em paralelo, o jornalista é lembrado por ser um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento da crônica esportiva. Segundo Nelson Rodrigues, Mário Filho “inventou a crônica esportiva”. Por isso os textos dele serão analisados com o objetivo de identificar as inovações e as diferenças de linguagem e temática em relação aos produzidos no meio do século XX. Já Nelson Rodrigues ajudou a consolidar os avanços proporcionados pelo trabalho do irmão e deu o toque de genialidade às crônicas. As peculiaridades das crônicas de Nelson Rodrigues são expostas nesta parte do trabalho. O momento vivido pelo esporte e pela imprensa no período também é abordado com o objetivo de mostrar as possíveis influências desse cenário nos textos dos dois autores.

Em seguida, um debate sobre o cenário atual do futebol e do jornalismo esportivo. É importante reconhecer as diferenças do futebol praticado no início do século XXI para o apresentado entre as décadas de 1930 e 1970 afim de determinar como essa alteração influenciou a postura do jornalista esportivo. Os textos de Juca Kfoury, Renato Maurício Prado e Fernando Calazans são expostos nesse momento, abordando suas características específicas e suas similaridades.

O último capítulo faz uma análise comparativa entre estes dois momentos da crônica esportiva brasileira. O objetivo ao fazer essa comparação direta é evidenciar as diferenças ou semelhanças entre os textos dos jornalistas no que diz respeito à linguagem e à temática, e procurar um embasamento para a conclusão do trabalho, que terá como objetivo central responder ao questionamento sobre o possível fim da crônica esportiva brasileira.

2 A CRÔNICA BRASILEIRA

O objetivo central deste trabalho é a crônica esportiva brasileira, em especial, a que trata do futebol. Porém, antes de entrar nesse assunto específico cabe analisar a trajetória da crônica no Brasil. Esse primeiro capítulo irá abordar o histórico do gênero desde sua chegada ao país, no século XIX. Também serão discutidas as características peculiares da crônica, que navega entre a literatura e o jornalismo.

2.1 Definições e origem no Brasil

No dicionário da língua portuguesa Aurélio (1993, p.155), o verbete crônica é definido em cinco pontos:

1. Narração histórica, por ordem cronológica.
2. Pequeno conto de enredo indeterminado
3. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal
4. Seção de revista ou de jornal
5. Conjunto de notícias sobre alguém ou algum

Entre os significados acima, o primeiro remete ao sentido primordial da crônica, “de registro do passado e dos fatos na ordem que sucederam” (BENDER & LAURITO, 1993: p.11). A palavra crônica é originária da palavra grega *cronos* que significa “tempo”.

Os outros itens tratam da acepção de crônica aceitos atualmente. Entre as muitas notícias relatadas nos jornais, a crônica hoje se enquadra como um gênero que aborda assuntos sérios com mais leveza ou se limita aos considerados de menor importância, como um registro de pequenos fatos do cotidiano sobre política, arte, esporte e variados temas, em um espaço delimitado nas edições de jornais ou revistas.

A carta do navegador Pedro Vaz de Caminha ao rei português D. Manuel que relata terras até então desconhecidas, o Brasil, pode ser apontada como a primeira crônica escrita no território nacional, se for considerada a acepção original da palavra crônica. Caminha descreve o Brasil de forma cronológica, registrando por vezes momentos aparentemente de pouca importância.

Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto

com os índios e seus costumes naquele instante de confronto entre a cultura européia e a cultura primitiva. [...] estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial (SÁ, 2005: 5).

Entretanto, o modelo de crônica brasileiro, reconhecido atualmente como gênero jornalístico e literário, tem origem nos jornais franceses. Nasce dos folhetins típicos do país europeu no século XIX. O *feuilleton* (como é chamado na França) nasceu com a intenção de destinar uma parte do jornal ao entretenimento, e daí surgiu um espaço bem democrático com piadas, charadas, críticas de teatro e cinema.

[O folhetim] era um espaço livre no rodapé do jornal, destinado a entreter o leitor e dar-lhe uma pausa de descanso em meio à enxurrada de notícias graves e pesadas que ocupavam – como sempre ocuparam – as páginas dos periódicos (BENDER & LAURITO, 1993: 15).

A partir da década de 1820, no jornalismo francês, o folhetim assume um papel mais definido, tornar-se uma ficção em capítulos. Nas publicações diárias, romances e comédias terminavam indefinidas e deixavam o leitor ávido pelo jornal do dia seguinte.

Em 1838, o folhetim francês chega ao Rio de Janeiro. Neste ano, o *Jornal do Commercio* publicou o primeiro capítulo da obra *Capitão Paulo*, do francês Alexandre Dumas. O gênero ganha popularidade e nomes como Machado de Assis e José de Alencar viram folhetinistas. Alencar teve enorme sucesso com a publicação de *O Guarani* em capítulos, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1857. Dois anos depois, Machado se tornou colaborador da revista *O Espelho*.

É importante lembrar, que os escritores da época dificilmente conseguiam viver apenas da literatura. Por isso em muitos casos recorriam à imprensa para superar dificuldades financeiras e manter uma renda fixa. Como lembra José Marques de Mello, - “imprensa pagava mal, mas pagava em dia”. Além disso, era uma forma dos escritores aparecerem para o grande público.

O sucesso dos folhetins prepara terreno para o aparecimento das crônicas na imprensa brasileira. Nessa transição, destaca-se o nome de Paulo Barreto, escritor que viveu entre 1881 e 1921. Barreto deu nova cara ao espaço de rodapé destinado ao folhetim. Ele saiu da redação e passou a observar e a investigar os acontecimentos na rua, frequentando lugares da elite, subindo morres e convivendo com a malandragem carioca. Assim, João do Rio (seu pseudônimo) impôs uma nova forma de fazer

jornalismo que vinha de ao encontro da modernização vivida pela cidade do Rio de Janeiro.

[...] construiu uma nova sintaxe, impondo aos seus contemporâneos uma outra forma de vivenciar a profissão de jornalista. Mudando o enfoque, mudaria também a linguagem e própria estrutura folhetinesca. Com essa modificação, João do Rio consagrou-se como cronista mundano por excelência, dando à crônica uma roupagem mais 'literária', que tempos depois será enriquecida por Rubem Braga [...] (SÁ, 2005: 8).

No Brasil, a crônica desenvolveu uma originalidade e ganhou uma roupagem diferente. Segundo José Marques de Mello, dificilmente encontra-se um equivalente à crônica brasileira na produção jornalística de outros países. Para muitos estudiosos, como Antônio Cândido, esse gênero é um fenômeno tipicamente brasileiro. Desde que apareceu na imprensa brasileira, em meio ao processo de modernização das principais cidades do país, a crônica se notabilizou por apresentar os acontecimentos usando uma linguagem simples, um humor lírico, procurar o acidental, muitas vezes deixando subentendida uma crítica ou um comentário.

Quando se arriscava por esse terreno até o parnasiano Olavo Bilac fazia textos mais leves. “A leitura de Bilac é instrutiva para mostrar como a crônica já estava brasileira, gratuita e meio lírico-humorística, a ponto de obrigá-lo a amainar a linguagem” (CÂNDIDO, 2004: 28). Ou seja, desde o início do século passado, a crônica brasileira se mostra afastada por completo do sentido de história e de documentário que lhe emprestam os franceses.

Se fossemos comparar o gênero a um prato de comida, não seria, certamente, uma sofisticada iguaria da culinária francesa e sim a comidinha trivial, o arroz e feijão com picadinho e batata. Embora de origem estrangeira, aclimatou-se bem à nossa terra, assim como a cana-de-açúcar e o café. Não se pode dizer que seja um gênero exclusivamente brasileiro, mas tem o nosso sotaque e encontrou, aqui, nos nossos leitores e jornais, seu habitat ideal. (BENDER & LAURITO, 1993: 45).

2.2 Afinal, jornalismo, literatura, ou um pouco dos dois?

O fato de ser publicada em jornais, mas ao mesmo tempo ter um tratamento de linguagem diferente de todos os outros textos desse veículo, levar ao questionamento: afinal, a crônica é jornalismo, literatura ou um pouco dos dois?

Sem dúvida, a crônica apresenta elementos considerados característicos do jornalismo, principalmente o fato de tratar de assuntos da atualidade, como lembra José Marques de Mello.

Que a crônica é um gênero jornalístico constitui uma questão pacífica. Produto do jornal, porque dele depende para a sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva (MELLO, 1985: 118)

Além das características fundamentalmente jornalísticas apontadas por José Marques de Mello, é preciso considerar o ambiente em que a crônica é escrita. Em geral, um ambiente de redações barulhentas e pessoas apressadas. Atualmente, é comum alguns cronistas trabalharem em casa, mesmo assim existe a pressão sobre o autor para que entregue o texto antes do fechamento do jornal, como lembra Jorge de Sá.

Sua elaboração também se prende a essa urgência: o cronista dispõe de pouco tempo para datilografar o seu texto, criando-o, muitas vezes, na sala enfumaçada de uma redação. (SÁ, 2005: 10).

O texto da crônica é bem diferente do que é reconhecido pelo público como texto jornalístico. O estilo de texto tem origem na necessidade sócio-política de distinguir o que é fato e o que é versão, ou seja, delimitar ou apontar os textos que tenham opiniões explícitas. Por isso, ao longo da história, a crônica abandona o caráter informativo e assume de vez a função de descontrair, emocionar e entreter o leitor do jornal.

Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política para penetrar poesia a dentro (CÂNDIDO, 2004: 28)

Dentro do jornal a crônica é um texto singular, uma visão confessadamente parcial, subjetiva e autoral, mas que não é um prejuízo ao bom jornalismo. Um texto diferenciado, como são as crônicas, oferece ao leitor uma experiência nova dentro das informações objetivas e frias dos jornais.

As especificidades literárias das crônicas são mais facilmente detectadas. É difícil não observar o caráter autoral dos textos, seu valor criativo e sua peculiaridade

estética. E, muito embora, não tenha origem nos livros, as crônicas se mostraram confortáveis em tal ambiente. Como argumentou José Ferreira dos Santos, autor do livro *As cem melhores crônicas brasileiras*: - “literatura é tudo aquilo que permanece”. É o que acontece com milhares de crônicas veiculadas pelos jornais.

Como definiu José Marques de Mello, a crônica é “um relato poético do real”. Ela deve ser vista como um ponto de interseção entre Jornalismo e Literatura. É jornalística na medida em que procura no cotidiano os fatos que são noticiosos e é literária quando se permite utilizar elementos diferenciados do estilo para construí-la. Para Bender e Laurito no livro *Crônica: história, teoria e prática*, o cronista é um “escritor-jornalista ou jornalista-escritor que, ao mesmo tempo, prende e solta sua imaginação criadora num espaço específico”. Podemos dizer, então, que por meio da crônica o jornalismo deixa de ser um “pé-rapado” e a literatura deixar de ser inatingível.

A peculiaridade de transitar entre jornalismo e literatura foi um dos motivos que levaram a crônica a ser encarada por alguns literários com um “gênero menor”. Afinal, o gênero se desenvolveu no início do século passado, num momento em que os escritores se destacavam por um vocabulário variado, sintaxe rebuscada, construções raras, enquanto, a maioria das crônicas trata de assuntos cotidianos, tem uma linguagem acessível, justamente por ser um texto publicado no jornal diário.

Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade que atingiram o ponto máximo nos nossos dias (CÂNDIDO, 2004: 29)

Nos anos 1930, alguns grandes nomes da literatura como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade ajudaram a consolidar e cultivar o gênero no país. Entre esses consagrados escritores, destaque especial para Rubem Braga, um dos poucos que constrói uma carreira de sucesso quase que exclusivamente ao gênero. Nesse momento, os textos do gênero deixam definitivamente de ser um comentário expositivo ou argumentativo para tornar-se aparentemente uma conversa fiada. Entretanto, a falta de importância do tema é apenas aparente, porque os grandes autores, de maneira suave, entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, por vezes expondo uma crítica social.

A crônica que se pratica no Brasil a partir da década de 30, tendo em Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos seus principais cultores, representa uma continuação do gênero de Machado de Assis e José de Alencar haviam sedimentado em nosso jornalismo. Mas os novos cronistas dão-lhe uma dimensão especial. Se a crônica de costume se valia do real (fatos ou idéias do momento) simplesmente como ‘deixa’ ou com inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária, a crônica moderna assume a palpitação e a agilidade de um jornalismo em mutação. Ela figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa. (MELLO, 1985:115)

Mesmo que tenha um valor reconhecido, é inegável que a crônica ainda é tratada com menos “pompa” que outros gêneros. É difícil imaginar, por exemplo, um cronista recebendo um prêmio Nobel, ou tendo o mesmo reconhecimento mundial de um romancista ou de um poeta. Porém, as características que antes eram usadas para apontar a inferioridade literária do gênero da crônica, agora são suficientes para comprovar sua singularidade, a capacidade que só o gênero tem de aproximar o leitor através da identificação.

Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. Graças a Deus, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. [...] Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento na forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CÂNDIDO, 2004: 26)

Pode-se dizer, portanto, que a crônica é um gênero moderno vinculado à imprensa, cuja liberdade na escrita (e no tema) seria legado ao cronista, determinando aquilo que seria dito – de diversas formas – narrativa, diálogo, carta, comentário – com o tom que melhor exprimisse as suas ideias – dramático, lírico, trágico, cômico.

3 JORNALISMO ESPORTIVO: INÍCIO CHEIO DE OBSTÁCULOS

Nos jornais de todo o Brasil, o noticiário esportivo, especialmente o futebolístico, recebe um espaço nobre; muitas vezes é destaque de primeira página. Mas, nem sempre foi assim. Os jornalistas esportivos já enfrentaram preconceito por atuar em uma área “menos séria”. Muitas vezes eram encaminhados para a editoria de esportes os profissionais menos conceituados ou novatos. Repórteres e editores da área precisaram derrubar algumas resistências.

O panorama atual é diferente do que se apresentava no início do século passado. O jornalismo esportivo movimenta um mercado enorme, a ponto de diversos veículos de sucesso tratarem apenas dessa temática. A editoria de esportes é o sonho de diversos jovens, que já tem como hobby, paixão, prática o esporte na vida pessoal.

3.1 Remo, turfe e o Sul-americano de 1919

O futebol é um símbolo importante da identidade brasileira. Mas os primeiros passos da imprensa esportiva nacional foram dedicados, na verdade, ao turfe e ao remo. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, publicou desde sua fundação, em 1891, uma coluna chamada *Sport*, que abordava exclusivamente às corridas de cavalos e às regatas. A popularização do futebol nas páginas dos veículos de comunicação é relativamente recente.

A história do futebol no Brasil tem como marco o ano de 1894. Foi quando o paulistano filho de pai escocês, Charles Miller, voltou ao Brasil após uma longa vivência na Inglaterra disposto a popularizar o *football*. O esporte já era um sucesso entre universitários e operários do Reino Unido, mas somente neste período se inicia a prática futebolística em terras brasileiras. Inicialmente o esporte foi praticado pelas colônias inglesas e pela elite do eixo Rio-São Paulo.

Desde o final do século XIX, intelectuais e escritores brasileiros estiveram atentos à popularização e à repercussão do futebol. Nomes como Lima Barreto expuseram sua postura nacionalista para recriminar o crescimento do esporte de origem europeia. Em defesa das tradições nacionais, o escritor afirmava que era “uma atividade de marmanjos que se dispunham seminus a dar pontapés soltar palavrões, envolverem-se em brigas” (BARRETO apud ANTUNES, 2004:23). Para o escritor, o futebol era “um estrangeirismo que pouco expressava os valores nacionais autênticos” (BARRETO

apud ANTUNES, 2004:23). Graciliano Ramos também era contrário ao sucesso do esporte vindo da Inglaterra. Por isso, chegou a afirmar: “temos esportes em quantidade. Para que metemos o bedelho em coisas estrangeiras? O futebol não pega, tenham certeza!” (RAMOS apud ANTUNES, 2004: 24).

O escritor alagoano não podia estar mais errado. As características do jogo facilitaram o êxito do futebol em todas as camadas sociais. A prática do futebol pode ser feita no improviso, com qualquer número de jogadores, de qualquer idade, pode ser jogado ao ar livre ou em lugar fechado, com uma bola de meia ou de papel.

Outro passo decisivo para popularização definitiva do futebol data de 1919, ano que o Rio de Janeiro foi sede da terceira edição do Campeonato Sul-Americano. Além do país anfitrião, participaram as seleções da Argentina, Chile e Uruguai. A competição na capital do país atraiu milhares de pessoas ao Estádio das Laranjeiras, pertencente ao Fluminense, e que havia sido especialmente construído para o Sul-Americano. A grande mobilização na cidade atingiu a imprensa, que abriu um amplo espaço à competição. Até então, era reservado ao esporte pequenas notas que se preocupavam prioritariamente em informar os serviços da partida: data, horário, local e equipes envolvidas. Já nos textos jornalísticos sobre o Sul-Americano de 1919, era comum uma descrição minuciosa de todos os lances do jogo, o que muitas vezes fazia um texto se estender por longos parágrafos. Chama atenção também a presença constante de palavras inglesas – o futebol ainda era uma prática bastante ligada aos descendentes britânicos – como mostra o trecho do *Rio Jornal* de 11 de maio de 1919.

No *stadium* como estava anunciado, realizou-se ontem, o *training* de apuro dos *scratmen* brasileiros. (...) Os chilenos deram esta manhã, na rua Campos Salles, o seu *training* de pronto para o jogo de domingo. (...) Os argentinos estiveram ontem, à tarde, na rua Payssandu, praticando *training* individual. (apud COELHO, 2009: 12)

De maneira gradual a utilização de palavras inglesas diminuirá até o início da década de 1960. Em textos de 1958 e 1959 ainda é possível notar o aparecimento dos termos “importados”, inclusive, com a grafia do inglês: cracks, scratch, team, football, placard, penalty. No começo da década de 1960 muitos termos são aportuguesados e outros cedem espaço a equivalentes na língua portuguesa. Daí o fato de alguns cronistas, como Nelson Rodrigues, usarem a palavra “escrete” (palavra aportuguesada do termo inglês scratch), enquanto outros já adotam o termo seleção.

O caráter formal e descritivo também era característica da primeira grande cobertura futebolística. Lida atualmente, o tom solene soa hilariante, como é possível observar no texto do jornal *Gazeta*, do dia 11 de maio de 1919, referente ao jogo de estreia do Brasil no Campeonato Sul-Americano contra o Chile, a primeira partida de futebol internacional disputada no país.

O aspecto era sobremado grandioso e deslumbrante: um mar de gente agrupado em torno do quadrilátero gramado, por sobre tudo centenas de bandeiras de nações amigas e entidades esportivas, e ao longe, circundando este conjunto um círculo de montanhas que, majestosamente, parecia proteger os que ali se achavam vibrantes de vitalidade e entusiasmo, contra qualquer imprevisto que, porventura, pretendesse vir a quebrar a harmonia àquela imponência. Pouco antes de ser iniciada a peleja, dois aeroplanos vieram evoluir por sobre o stadium, praticando proezas de verdadeiros dominadores do ar. [...] O início do Campeonato foi honrado com a presença do S. Excia. o Sr. Presidente da República, que chegou ao local do match pouco antes do mesmo principiar só se retirando depois de seu final. (apud MARQUES, 2003: 75)

O Brasil conquistou o Sul-Americano de 1919 com uma vitória sobre o Uruguai na decisão, 1 a 0, gol do atacante Friedenreich, o primeiro ídolo do futebol nacional. A conquista encheu de orgulho os torcedores e a imprensa brasileira.

Salve footballers brasileiros! Depois de uma peleja emocionante, os nossos patrícios lograram, ontem, para o nosso país a supremacia do football no Campeonato Sul-Americano. A nossa inegável vitória de ontem sobre os uruguaios pelo score de 1 x 0 (O IMPARCIAL apud COELHO, 2009: 15)

O inédito título da seleção atravessou os limites da capital federal e ganhou repercussão em todo país. Mas, a democratização que faltava ao esporte veio em 1923. Até então, o futebol no Brasil era praticado por homens brancos da elite carioca. A presença de negros nos gramados não era bem vista. Mas, isso mudou quando o Vasco da Gama conquistou o título da segunda divisão carioca em 1923 e o título da primeira divisão no ano seguinte apostando na presença de negros em seu elenco. Outros times, como Bangu e Paulistano, já haviam escalado negros anteriormente, mas nenhum deles obtivera o sucesso do clube cruzmaltino.

Em 1925, pesquisas apontavam que o futebol já era o esporte mais popular do Brasil. A seleção bicampeã sul-americana em 1919 e 1922 empolgava os torcedores,

porém os jornais continuavam a dar mais espaço para as regatas na Lagoa Rodrigo de Freitas e às corridas no Hipódromo da Gávea. O jornalismo esportivo era ainda subvalorizado, o que dificultava uma mudança na temática e na forma. Além disso, os profissionais eram discriminados dentro das redações. Era comum pensar que coberturas como remo, turfe e futebol deviam ficar a cargo dos jovens recém-chegados às redações, e quando esses jovens ganhavam experiência iam para as editorias de cidade e política. A situação dos repórteres esportivos era completamente amadora como mostra o relato de Ruy Castro.

Não fosse pelo lanche que os clubes ofereciam nos dias de treino, alguns desses repórteres morreriam de fome. Pena que os jogadores não treinassem todo dia. E havia os escritores profissionais, que gostavam deste ou daquele clube e escreviam de graça sobre ele, para ser recebidos com fanfarras em suas sedes sociais (CASTRO, 2004: 114)

3.2 Mário Filho: fim da “pré-história” na crônica esportiva

Um nome contribuiu de forma decisiva para a mudança de cenário no esporte e na imprensa esportiva brasileira: Mário Filho. Em paralelo à popularização do futebol, o trabalho de Mário Filho promoveu a valorização do jornalista esportivo. Em 1931, Mário fundou um jornal inteiramente dedicado ao esporte no Brasil, *O Mundo Sportivo*. No mesmo ano, foi convidado por Roberto Marinho a assumir a página de esportes do jornal *O Globo*. Mário Filho tinha como objetivo escrever para um tipo bem específico de leitor, o apaixonado, através de um estilo iniciado por ele nos jornais *A Manhã* e *Crítica*, este último um veículo da família Rodrigues, que Mário dirigiu após a morte de seu pai, Mário Rodrigues, em 1930.

Dificilmente os interessados por economia ou política têm paixão pelo assunto como o leitor de esporte. Mário Filho sabia disso e passou a aproximar os jornais dos torcedores. Antes mesmo de 1930, Mário Filho simplificou o nome dos clubes de futebol, passou a escrever nos jornais tal como os clubes eram chamados nas ruas (Flamengo, Fluminense, Vasco, Bangu etc.). Até então, os veículos brasileiros ainda abusavam da formalidade na menção às equipes. Para se referir ao Flamengo diziam Club de Regatas do Flamengo; o Fluminense era tratado sempre com o nome completo, Fluminense Football Club; o Bangu tornava-se nas páginas dos jornais o The Bangu

Athletic Club. O jornalista também colocou os jogadores na mira dos holofotes e humanizou os atletas. Perguntava pelas suas vidas particulares, fazia-os dizer coisas interessantes, escrevia perfis nas semanas dos jogos decisivos, tratava os jogadores de maneira inédita na imprensa esportiva do país. Um dos muitos exemplos dessa valorização do atleta é a crônica de Mário Filho sobre Valdo, atacante do Fluminense da década de 1950.

Aconteceu apenas o seguinte: descobriu-se Valdo. E a descoberta é tão recente que ainda não se tem um mapa completo de Valdo. A descoberta continua: um rio aqui, uma cascata ali, um cume mais adiantado. Por enquanto, tudo o que é Valdo encanta. Não há alegria mais que a do descobrimento. A gente só tem olhos abertos, de criança, para os descobrimentos. E Valdo, há bem pouco, era Terra ignota. Existia igualzinho, fazendo os mesmo gols, com o mesmo nome, à espera que o descobrissem e eis que o descobriram numa oportunidade excepcional. (FILHO apud MARON & FERREIRA, 1987: 97)

Em 1933, aconteceu a primeira crise do futebol brasileiro, a divisão entre os que defendiam a profissionalização do futebol e os que queriam a continuação do amadorismo. A imprensa acompanhou tudo de perto. Um dos motivos que gerou esse racha foi uma entrevista do jogador Russinho, do Vasco da Gama, a Mário Filho. Na entrevista, o jogador revelou que todos os atletas do clube ganhavam dinheiro depois de cada jogo, “para condução e passagem” e contestou: “se é para condução é muito, se é para gratificação ou salário, é pouco. Afinal, somos profissionais ou amadores?”. A corrente favorável a profissionalização, apoiada por Mário Filho, acabou prevalecendo, o que acabou com a hipocrisia que cercava o futebol, porque era notório que os jogadores já recebiam dinheiro para entrar em campo.

Em 1937, a partida entre Vasco x América abriu o primeiro campeonato depois de quatro anos de confusões no futebol carioca. Por isso a partida recebeu o nome de “clássico da paz”. Era só início dos grandes jogos que a imprensa do Rio de Janeiro ajudaria a eternizar. Um ano antes, Mário Filho comprara o *Jornal dos Sports*, veículo que se tornaria referência esportiva durante anos e que circula até os dias de hoje.

Durante as décadas de 1930 e 1940, Mário Filho foi um grande *promoter* do esporte brasileiro. Apaixonado por futebol, ele estimulou a criação de campeonatos no Rio de Janeiro, e foi o líder na sedimentação das rivalidades entre os clubes cariocas, principalmente, no confronto entre Flamengo e Fluminense. Ao contrário do que a

muitos acreditam, Mário Filho não criou a sigla Fla-Flu. Ela foi usada originalmente em 1925 por um cartola chamado Joaquim Guimarães ao se referir a uma seleção formada por jogadores dos dois times. Porém, foi o jornalista que popularizou o Fla-Flu como nome do clássico, uma das medidas para manter o futebol carioca em atividade, atrair público e manter a editoria de esportes em movimento.

Através do *O Globo*, Mário Filho passou a promover o Fla-Flu. Inventou campeonato de torcidas. Na semana de cada jogo estimulava os torcedores a se superarem. Os grupos mais criativos, mais festivos e mais organizados ganhavam taças e medalhas. [...] Mário Filho transformou o domingo de Fla-Flu num domingo de carnaval. E ele que não economizasse nas ideias para sustentar o interesse das torcidas, porque em vez dos habituais dois ou três Fla-Flu por ano, houve seis no campeonato carioca de 1934; no de 1935 mais seis; e, no de 1936, nada menos que dez! [...] Mário Filho apenas não inventou a sigla. Tudo mais no Fla-Flu moderno foi inventado por ele. Folclorizou torcedores ilustres de cada time e transformou o passado do jogo Flamengo e Fluminense numa saga. (CASTRO, 2004:132)

Não foi só o futebol que teve a atenção de Mário Filho. Quando a temporada do futebol parava, o jornalista passava a promover o remo, o jiu-jitsu, a natação, o boxe e o automobilismo. O esporte foi o principal beneficiado com as organizações de Mário Filho, mas outro evento tipicamente carioca mudou de cara depois do envolvimento do jornalista: o carnaval. Mário Filho teve participação fundamental na criação do que anos mais tarde seria conhecido como “O maior espetáculo da Terra”. Sem campeonato esportivo para cobrir, um repórter do jornal do *Mundo Esportivo* sugeriu a realização de um concurso entre as escolas de samba da cidade, e Mário Filho como dono do veículo promoveu a ideia. O irônico é que essa foi a maior contribuição do *Mundo Esportivo*, já que o impresso durou apenas oito meses. A partir de 1930 o carnaval nunca mais seria o mesmo.

No final dos anos 1940, através da imprensa, Mário Filho lutou contra o então vereador Carlos Lacerda, que desejava a construção de um estádio municipal em Jacarepaguá, para a realização da Copa do Mundo de 1950. Mário conseguiu convencer a opinião pública do Rio de Janeiro de que o melhor lugar para o novo estádio seria no terreno do antigo Derby Club, no bairro do Maracanã, e que o estádio deveria ser o maior do mundo, com capacidade para mais de 150 mil espectadores. O estádio foi sede

da Copa do Mundo de 1950, e embora atualmente não seja mais o estádio com maior capacidade, continua sendo um dos mais celebrados palcos do futebol mundial.

Além de ter desenvolvido e promovido o esporte brasileiro, Mário Filho revolucionou a imprensa esportiva através de uma linguagem até então inédita. O jornalista abandonou o formalismo característico do início do século, e optou por um vocabulário simples, pela economia de palavras e pelo destaque da emoção do esporte.

Escolhe-se um clube como se escolhe uma mulher. Para toda a vida ou até que Deus o separe. É mais difícil deixar de amar a um clube do que a uma mulher. [...] Talvez porque o clube nunca se entrega a um torcedor. O torcedor que se entrega ao clube ou ao amor do clube. [...] Geralmente se ama sem saber direito por quê. Tantos caminhos levam ao amor que é quase impossível apontar um como a rota dos descobridores. Isto é verdadeiro, tanto em relação a uma mulher, como a um clube. E mais em relação a um clube do que a uma mulher, já que nenhuma mulher é tão variadamente amada com um clube. Nem mesmo uma Brigitte Bardot, mais desejada do que amada. (FILHO apud MARON & FERREIRA, 1987; p.50)

Como disse Nelson Rodrigues, antes de Mário Filho o Brasil escrevia de “fraque e cartola”. Mário inaugurou na crônica esportiva a palavra viva, o humor e as gírias, soube valorizar tudo o que um clássico ou uma pelada tem de épico, lírico, dramático, patético, sublime ou ridículo.

Quando o Flamengo marcou o segundo gol, antes mesmo que o garoto do placar colocasse o dois ao lado do nome Flamengo, a gente olhou para o relógio: faltavam seis minutos. [...] Para o Fluminense bastava o empate, para o Flamengo era preciso a vitória. O Flamengo atacava, o Fluminense jogava a bola na Lagoa. [...] E o Flamengo jogou náguas guarnições inteiras de remo para apanhar a bola na Lagoa. Parecia que essas guarnições disputavam um campeonato de remo. Apanhavam a bola, mandavam-na de novo para o campo e ficavam náguas, os remos suspensos, os músculos retesados, prontos para quarenta remadas por minuto. [...] Era o que ia dar o nome àquele Fla-Flu. Primeiro se disse que fora o Fla-Flu de bola na Lagoa. Depois se sintetizou: Fla-Flu da Lagoa. E dito Fla-Flu e dita Lagoa, já se sabia de que Fla-Flu se tratava. (FILHO MARON & FERREIRA, 1987: 78)

É fácil identificar nos textos de Mário Filho as características típicas das crônicas brasileiras apresentadas no primeiro capítulo, um texto de linguagem informal, livre, descontraída, usa o humor e que muitas vezes narra acontecimentos aparentemente acidentais. Em diversas ocasiões, Mário buscava fatos que pareciam irrelevantes, mas

que na realidade mostravam uma visão peculiar do futebol. Usando essas características, Mario Filho narra as mudanças no ambiente do futebol carioca, após a inauguração do Maracanã, um estádio de dimensões bem maiores do que até então o público estava acostumado.

O Maracanã não acabou só com a descompostura, acabou com a piada. Não é que o torcedor tenha calado a boca: não se o escuta, eis tudo. Mesmo quando ele está perto de nós: pode gritar à vontade. Há um rumor surdo que abafa as palavras. Quando não havia o Maracanã qualquer grito era escutado o que o estimulava sob todas as formas. Ouvia-se palavrão mas ouvia-se também piadas. [...] Pode haver outra explicação as acho que esta é a melhor para a decadência de piadas no futebol. O carioca continua a fazer piadas, tão boas quanto as dos outros tempos, mas não nos campos de futebol e muito menos no Maracanã. [...] O campo não é mais do Fluminense, ou do Vasco, é o Maracanã. E o torcedor estranha, não fica mais à vontade. A verdade é que desacostumou. Em vezes de olhar em volta, à procura de caras conhecidas, o torcedor olha o que quase não se via nos outros tempos: o campo. O Maracanã colocou o campo diante da gente. A gente vê o campo, queira ou não queira. (FILHO apud MARON & FERREIRA, 1987: 114)

O caráter autoral e pioneiro das crônicas de Mário Filho são perceptíveis se compararmos com os textos publicados nos jornais na cobertura do Sul-Americano 1919 (apresentados no item 3.1). Para o também cronista esportivo e dramaturgo Nelson Rodrigues, foi seu irmão, Mário Filho, quem “inventou” a crônica esportiva brasileira, dando-lhe uma linguagem própria que aproximou, através da palavra, o esporte do povo.

Mas me pergunto: O que era a crônica esportiva antes de Mário Filho? simplesmente não era, simplesmente não havia. Sim, a crônica esportiva estava na sua pré-história, roía pedra nas cavernas. Até que, um dia, surgiu Mário Filho. O cronista esportivo passou a existir, profissionalmente, a partir de sua entrevista com Marcos Mendonça. A matéria inundava um espaço jamais concedido ao futebol: meia página. E o pior era a linguagem estupefaciente. Os melhores jornalistas da época escreviam de fraque. E Mário Filho usava a palavra viva úmida, suada. A entrevista de Marcos Mendonça foi, para nós, do esporte, uma Semana de Arte Moderna. (RODRIGUES apud MARON & FERREIRA, 1987: 100)

3.3 De 1950 a 1970: craques na redação

A realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil é outro marco na imprensa esportiva no país. O evento fora tratado como o momento de afirmação do Brasil no cenário internacional. A inesquecível atuação da seleção foi o destaque do torneio, o país mostrava ao mundo que desenvolvera um estilo próprio, alegre e malicioso de jogar futebol. Após o evento, para qual foi construído o Maracanã, nenhum outro esporte conseguiria ter um espaço maior que o futebol na mídia nacional. Nem a traumática derrota da seleção brasileira para o Uruguai na decisão foi capaz de inibir o crescimento do futebol.

O escritor José Carlos Marques resume de forma bem objetiva e didática os momentos vividos pelo futebol desde sua chegada ao Brasil até a década de 1950.

- (1) 1914-1910: clubes urbanos pertencentes a estrangeiros a estrangeiros; o povo não participa e o futebol usa smoking; elitização do esporte
- (2) 1910-1933: fase amadora e de grande divulgação do esporte; conflitos entre os defensores do amadorismo e os que apoiavam a subvenção dos jogadores
- (3) 1933-1950: período inicial do profissionalismo; intensa participação popular;
- (4) pós 1950: reconhecimento internacional e comercialização sofisticada (MARQUES, 2003: 86)

Entre as décadas de 1950 e 1970, o futebol brasileiro sofreu sua maior decepção – a perda do título mundial de 1950, em casa – e conquistou seus maiores triunfos. A seleção brasileira venceu três títulos mundiais, revelou grandes craques e teve feitos exaltados no mundo inteiro. Os principais jogadores brasileiros atuavam nos grandes clubes do país, e este despertavam a paixão do torcedor durante o ano.

Entretanto, os craques não se destacavam só com a bola nos pés, eles também estavam presentes nas redações dos grandes jornais. Nesse período, o futebol já se tornara um componente importante da identidade brasileira, e esse reconhecimento muito se deve à atuação de escritores e intelectuais, reconhecidos na sociedade, que passaram a trabalhar na imprensa esportiva.

Pelé, Garrincha, Didi, Gérson, o cenário era perfeito para criação dos mitos do esporte nacional. Os feitos dos craques em campo ganhavam contornos de heroísmo e de dramaticidade nos jornais brasileiros, na época em que televisão era um artigo de luxo. Nomes como José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues foram

fundamentais nesse momento. Não se trata de minimizar os feitos de Pelé e companhia, mas de reconhecer a importância que tiveram os jornalistas esportivos na transformação desses atletas em ídolos. Como explica Roland Barthes, “o mito não é ficção, enganação ou falsidade; é, isto sim, um modo de falar, ver, sentir dimensões da realidade inatingíveis racionalmente, dando-lhes significado e consistência” (BARTHES, 1982:74). Através de seus textos, os jornalistas esportivos davam dimensões míticas aos feitos dos jogadores.

O sucesso do futebol no Brasil se transformou numa realidade incontestável, por isso na década de 1960 começaram a aparecer os cadernos de esportes nos principais jornais do país.

3.4 Nelson Rodrigues: crônicas eternas

Se Mário Filho tirou a crônica esportiva da “pré-história”, seu irmão, Nelson Rodrigues deu o toque de genialidade a mesma. Um dos maiores dramaturgos da história brasileira, Nelson sempre assistia às partidas de futebol como se estivesse assistindo a um espetáculo épico, carregado de drama e emoção até os minutos finais. É o que relata o depoimento de Armando Nogueira na orelha do livro *A sombra das chuteiras imortais* (1993): “Nelson nunca deu a mínima bola para a frígida aritmética do jogo. Na ótica privilegiada de Nelson, futebol sempre foi e há de ser arrebatamento. Paixão avassaladora. Chuteiras sangrando pela doce abstração do gol”.

Em 1955, três anos antes do primeiro título mundial da seleção brasileira, ele começou a publicar semanalmente textos futebolísticos na revista *Manchete Esportiva*, onde escreveu uma coluna até 1959. Nesse período a seleção brasileira viveu o trauma da perda do título de 1950 no Maracanã e conquistou seu primeiro título mundial em 1958.

Para explicar o fracasso de 1950, Nelson criou uma expressão recorrente nos seus textos: “o complexo de vira-lata”. Para o cronista, o brasileiro sofria de um grande mal, a falta de confiança em si mesmo, sempre se colocando em uma posição de inferioridade frente ao estrangeiro.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em

Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. (RODRIGUES, 1993: 61)

O texto acima foi publicado uma semana antes da estreia da Seleção na Copa do Mundo de 1958. Para Nelson, a equipe brasileira era muito superior às demais e, caso não se curvasse aos adversários seria imbatível, ao contrário do que segundo ele aconteceu no Mundial de 1950. Citado no texto, o capitão uruguaio Obdulio Varela se impôs com talento e virilidade na vitória de sua seleção sobre o Brasil dentro de um Maracanã lotado. No começo do jogo, Obdulio deu um tapa no rosto do zagueiro Bigode, que posteriormente falhou no gol da vitória da equipe celeste.

O cronista se descrevia como um patriota. Na visão dele, o futebol era um patrimônio nacional, uma forma de representar o povo brasileiro. Nelson não concordava com a valorização do estilo europeu em detrimento do jeito brasileiro de jogar futebol. Segundo ele, os nossos craques teriam o que falta aos outros, a fantasia, o “élan” criador, a molecagem, a malandragem e a paixão. A nossa habilidade e criatividade, além de nos diferenciar de outras seleções e equipes, seria a grande responsável pela nossa superioridade futebolística.

O leitor há de perguntar: — “Mas como, se os ‘entendidos’ diziam que o futebol brasileiro estava mais obsoleto do que o guarda-chuva do senador Paulo de Frontin?”. Realmente, os “entendidos” tudo fizeram para acabar com o nosso craque. Queriam que nós imitássemos os defeitos europeus. Queriam tirar do nosso futebol toda a magia, toda a beleza, toda a plasticidade, toda a imaginação. Faziam a apologia do futebol feio. Era como se estivessem apresentando o corcunda de Notre Dame como um padrão de graça e eugenia. (RODRIGUES, 1993: 214)

Uma característica marcante nas crônicas de Nelson Rodrigues era a presença constante de excessos – a hiperbolização dos fatos – um formato impensável nos textos esportivos atuais. Era comum também, o autor fazer comparações usando elementos

fora do ambiente futebolístico, substituindo uma relação óbvia por algumas bem inusitadas.

Há tempos, fui à rua Bariri, ver um jogo do Fluminense. E confesso: — sempre considerei Olaria tão longínqua, remota, utópica como Constantinopla, Istambul ou Vigário Geral. Já na avenida Brasil, comecei a sentir uma nostalgia e um exílio só equiparáveis aos de Gonçalves Dias, de Casimiro de Abreu. Conclusão: — recrudescu em mim o ressentimento contra qualquer espécie de viagem. Mas, enfim, cheguei e assisti à partida. Nos primeiros trinta minutos, houve tudo, rigorosamente tudo, menos futebol. Uma vergonha de jogo, uma pelada alvar, que não valia os cinco cruzeiros do lotação. E, súbito, ocorre o episódio inesperado, o incidente mágico, que veio conferir ao *match* de quinta classe uma dimensão nova e eletrizante. (RODRIGUES, 1993: 17)

O elemento linguístico da metáfora aparece com frequência nos textos de Nelson, potencializando os sentidos. Ao se referir à marcação do milésimo gol de Pelé, ele compara: “Eu acho que, depois, Pelé devia fazer a volta olímpica, mas na bandeja, e de maçã na boca, como um leitão assado” (RODRIGUES, 1993: 177). A apoteose do momento é tamanha que não basta a Pelé dar uma volta olímpica. Ao estabelecer a imagem do “leitão assado”, o jogador é comparado a uma iguaria típica dos grandes banquetes. Ou seja, em vez de correr em volta do gramado, Pelé deveria ser carregado como prêmio de si mesmo, como a própria glória do triunfo e assim exposto a todos os amantes do futebol.

Em geral, Nelson evita utilizar uma linguagem mais objetiva, para revesti-la justamente com o excesso.

Um craque do Real (de Madrid) ou do Juventus (de Turim), ou do Internacional (de Milão), vive lambendo o pires de leite como uma gata de luxo. Ou, então, se me permitem outra imagem, vive boiando num lago de abobrinhas como uma vitória régia. Vejam o Di Stefano. O dinheiro escorre por entre seus dedos como água. Contam que toma táxi até para ir de uma sala a outra. (RODRIGUES apud MARQUES, 2003: 103)

No trecho acima, não é suficiente para Nelson dizer que os craques europeus são mais bem pagos do que os brasileiros. Isso porque, sua linguagem esta sempre apoiada na figuratização da palavra, forçando o leitor a quebrar uma expectativa óbvia e criar novas imagens totalmente inusitadas. Apesar da crônica apresentar um frase prosaica como “o dinheiro escorre como água por entre os dedos”, a conclusão disso é

inesperada e cômica. A mordomia do jogador do Real Madrid, Di Stefano, é tão grande que Nelson usa a imagem do táxi transportando-o dentro da própria casa.

Em sua crônica a respeito da vitória do Brasil sobre a Espanha por 2 a 1, de virada, na Copa de 1962, Nelson aborda o desespero no país após o gol espanhol e não se envergonha de utilizar uma imagem que neste século XXI, certamente seria alvo de repúdio e patrulha do politicamente correto. “Setenta e cinco milhões de brasileiros precisavam mais do gol que todo o Nordeste de água e pão” (RODRIGUES, 1993: 100).

O dramaturgo também estabelece uma relação única entre a oralidade e a escrita. Os textos de Nelson Rodrigues são precedidos da oralidade, o que insere na consciência do leitor uma percepção de que aquelas frases existiam anteriormente como elemento oral. Além disso, leitor fica com a certeza de que aquela crônica deve ser lida em voz alta. Na crônica *A invisibilidade do óbvio*, por exemplo, no primeiro parágrafo, antes de começar a discorrer sobre o assunto central, Nelson “pensa alto”.

Eu ia começar esta crônica dizendo o que mesmo? Ia dizer que nada mais antigo do que o passado recente. Perdão. Não é bem isso. Ah, agora me lembro. O que eu queria dizer é que ninguém enxerga o óbvio. Poderão objetar que já escrevi isso umas duzentas vezes. Ai de mim, ai de mim. Não sinto nenhum escrúpulo, nenhum pudor de me repetir. (RODRIGUES, 1993: 153)

Nas crônicas de Nelson, há outra característica jamais igualada por outro jornalista esportivo, a criação de personagens. O Sobrenatural de Almeida, responsável por fatos inexplicáveis nos jogos de futebol, e o Gravatinha, um torcedor do fluminense que mesmo morto era pé quente, são os mais celebrados. Ambos são mencionados até os dias de hoje.

Entro na redação e sou avisado: “Tem aí um cara te esperando”. Digo tirando o paletó: “Manda entrar”. Era o abominabilíssimo Sobrenatural de Almeida. É duro começar o trabalho com tão tenebrosa visita. [...] E, instalado na redação, o Sobrenatural de Almeida começa a falar: “Tens visto a minha atuação?” [...] E, então, depois de limpar um pigarro, de estufar o peito magro, diz patético: “Eu venci o Fla-Flu! Eu!” [...] “Ou não percebeste a minha influência no placar?” Juntou gente em torno da minha mesa. Ao mesmo tempo, chegava o contínuo com dois cafezinhos na bandeja. E então, mexendo o açúcar, o abjeto cidadão contou, para o nosso espanto, a sua vil ação contra o Fluminense (RODRIGUES apud MARON & FERREIRA, 1987: 159)

Desde seu falecimento ocorrido em 1918, o “Gravatinha” só baixa do Além para ver as vitórias do Fluminense. Quando o Tricolor vai ganhar, ele comparece, invariavelmente. Não importa a chuva nem o sol. Contra o Bonsucesso fazia um mau tempo de quinto ato de *Rigoletto*. Seus colegas da eternidade ponderaram: - “Você vai se resfriar, 'Gravatinha'. Ouve pelo rádio”. Mas ele foi intransigente. Disse: “Vou, porque vou” e ninguém o dissuadiu. E, de fato, foi o primeiro a entrar no estádio das Laranjeiras e o último a sair. Assim que apareceu o porteiro disse: - “O Fluminense já ganhou”. Hoje em dia, 80 milhões de brasileiros sabem que o Tricolor vence sempre que o “Gravatinha” comparece. (RODRIGUES, 2002: 210)

Na obra *O futebol em Nelson Rodrigues*, José Carlos de Marques compara as crônicas esportivas do dramaturgo aos folhetins, o precursor das crônicas. Segundo Marques, o processo folhetinesco em Nelson “agiria por meio de uma força centrífuga e centrípeta de recuo e avanço em relação ao centro. Daí a adição de infinitos enredos paralelos, que estariam vinculados a um elemento pertencente ao enredo principal” (MARQUES, 2003:93). Nelson ainda faz uso frequentemente do suspense, cria uma expectativa, procurando sempre atizar a curiosidade do leitor. Por vezes, ele chama o torcedor a ler o texto do dia seguinte, tal como os capítulos do folhetim, “Mas a vitória de anteontem não pode esgotar-se numa simples crônica. Amanhã tem mais” (RODRIGUES apud MARQUES, 2003:94). Em junho de 1963, Nelson escreveu sete crônicas consecutivas e diárias sobre a possível venda de Garrincha ao futebol estrangeiro, o leitor praticamente acompanhou o caso como uma novela.

Nos textos de Nelson Rodrigues aparece sempre o narrador em primeira pessoa. Ele inclusive começa várias de suas crônicas com o vocativo “amigo”. Utiliza bastante as funções fática e conativa da linguagem. Emprega um estilo familiar, que permite até mesmo revelar sem maiores problemas seu time de coração. Todos sabiam da paixão de Nelson pelo Fluminense. De uma forma que seria impensável no jornalismo atual, o cronista se refere ao Tricolor das Laranjeiras na primeira pessoa do plural.

Eu não vi, nem ouvi, durante toda a semana do jogo, um tricolor falar em Deus. E por quê? Pelo seguinte: — *achamos* que Deus não se interessa por futebol! Portanto, *nós o excluimos* das atribuições da *nossa* torcida. Domingo, nunca houve um clube tão sem Deus como o Fluminense. (RODRIGUES, 2007: 321)

Nelson também não esconde sua parcialidade enquanto jornalista esportivo, atitude severamente recriminada no momento atual. Nos textos de Nelson Rodrigues tudo é declarado, o jogo é franco, aberto. Em março de 1959, na coluna *Meu personagem da semana*, do jornal *Manchete Esportiva*, Nelson deixa claro que não é guiado pela imparcialidade.

E aqui pergunto: - como escolher o meu personagem numa partida que foi nítido, taxativo o fracasso brasileiro? A rigor, o personagem devia ser um peruano. Por exemplo: - o tal Seminário que marcou dois gols de sua equipe. Mas eu não escolho nenhum Seminário porque, graças a Deus, não sou imparcial. Acho o imparcial um monstro de circo de cavalinhos e pior que isso: - um vigarista (RODRIGUES, 2007: 491)

Definitivamente Nelson Rodrigues deixou marcado seu nome na crônica esportiva brasileira. Nenhum jornalista do esporte teve tantos neologismos, expressões e frases consagradas. Mais de 30 anos após sua morte é comum ler e escutar jornalistas reproduzindo ou citando Nelson Rodrigues.

4 FIM DE UMA ERA?

No dia 29 de março de 2010, morreu aos 83 anos (1927-2010), em decorrência de um câncer no cérebro, Armando Nogueira. Apaixonado por esporte, em especial pelo futebol, Armando é um dos ícones do jornalismo esportivo brasileiro, reverenciado por ter sido um dos grandes nomes da crônica esportiva brasileira a partir da década de 1950. Como jornalista, fez a cobertura de todas as Copas do Mundo a partir de 1954, foi colunista, repórter e redator esportivo de jornais como *Diário Carioca* e *Jornal do Brasil*, e escreveu dez livros sobre esporte. Um dos mais conhecidos se chama “Na grande área” e tem posfácio do escritor Luiz Fernando Veríssimo. “Descobria-se ali que textos sobre futebol também podiam ser bonitos, criativos, líricos, cômicos e - o supremo teste de valor literário - compiláveis”, definiu Veríssimo.

Em meio às homenagens a Armando Nogueira, o jornalista Juca Kfourri, colunista da Folha de S. Paulo, afirmou que a morte do jornalista é um marco na imprensa esportiva do país. “O que mais marcou nele foi a delicadeza no trato de tudo, um extremo rigor na língua portuguesa. Eu diria que ele foi um dos últimos cronistas esportivos do Brasil”¹, descreveu.

A questão que se apresenta é: por que um dos principais nomes da imprensa esportiva atual decretou o fim de uma “era”? Possivelmente, porque não encontramos mais nos jornais autores que dêem ao esporte um caráter literário e autoral. Nada que lembre o estilo de Armando Nogueira ou Nelson Rodrigues. Talvez o valor analítico que norteia o jornalismo esportivo nas últimas décadas não abra mais espaço para os antigos modelos de cronistas.

Análise tática sobre jogo de futebol vai sempre valer relatos dignos de fazer o torcedor mais fanático se arrepiar tanto quanto a descrição perfeita de partida de futebol. A conquista do título, a jogada brilhante, a história comovente sempre fizeram parte do esporte. E sempre mereceram o tom épico que desapareceu das páginas de jornais e revistas e dos relatos de emissoras de rádios e de televisão. (COELHO, 2009: 23)

Entretanto, como descrito anteriormente, diferentemente dos outros temas abordados pelo jornalismo, o esporte envolve emoção. Como lembra o jornalista Paulo Vinícius Coelho, “a noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos

1 VASCONCELOS, Izabela. Luto. 30 de março de 2010. Disponível: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=583ASP006>. Acessado em 08/05/2011

atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto-chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que noção de realidade” (COELHO, 2009: 22)

Em seus textos, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira, falavam na bola que mudava de direção, do jogador que parava no ar, no chute inacreditável do craque, de todas as trajetórias impossíveis. O texto parecia narrar épico, um lance de batalha da Odisseia. As características e as temáticas dos textos atuais são bem diferentes.

4.1 Cenário do futebol no século XIX

Para tentar compreender as mudanças na imprensa esportiva é importante conhecer um pouco o cenário atual do futebol. Certamente, ele é bem diferente do apresentado no capítulo 3. O futebol se profissionalizou na década de 1930, mas será que Mário Filho e os defensores da profissionalização, na época, poderiam imaginar o cenário atual?

Se no começo do século passado, os jogadores almejavam uma estabilidade financeira, um salário e direitos trabalhistas, pode-se dizer que hoje isso não falta aos que se destacam na profissão. O futebol europeu paga salários milionários, como mostra a reportagem do site *globoesporte.com* de janeiro deste ano.

Com vencimentos anuais de 12 milhões de euros (R\$ 26,8 milhões), o português Cristiano Ronaldo, do Real Madrid, é o dono do maior salário do mundo da bola, apontou um levantamento feito pela revista belga “Sport Foot Magazine”. A publicação fez o levantamento dos 50 jogadores de futebol mais bem pagos do mundo, e Kaká, que recebe nove milhões de euros (R\$ 20 milhões) por ano, é o único atleta brasileiro entre os dez primeiros, ocupando a sétima posição ao lado de Ibrahimovic e Terry.²

O crescimento da economia brasileira fez com que os salários pagos pelos grandes clubes do futebol nacional também atingissem valores altos. O maior deles é do jogador do Flamengo, Ronaldinho Gaúcho, que ao assinar com o clube carioca no começo de 2011, passou a receber um dos vinte maiores salários do mundo. “O

2 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2011/01/c-ronaldo-e-dono-do-maior-salario-do-mundo-diz-revista-kaka-tem-o-8.html>. Acessado: 03/06/11

Flamengo vai pagar cerca de R\$ 1,3 milhão [mensais] ao ex-jogador do Milan, valor que pode aumentar com a conquista de títulos pela equipe.”³

Ronaldinho não está sozinho. É cada vez maior o número de jogadores que atuam no futebol brasileiro com vencimentos que não ficam muito atrás dos pagos na Europa. São cifras impensáveis se lembrarmos que o Brasil é um país em desenvolvimento econômico e que uma boa parcela da população sobrevive com um salário mínimo de 545 reais.

Os números são ainda mais espantosos se levarmos em consideração a evolução dos últimos anos. Em 1995, o Flamengo fez outra grande contratação, trouxe Romário, grande nome do tetracampeonato da seleção em 1994 e eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA, órgão máximo do futebol mundial. Na época, o atacante recebia do rubro-negro 62 mil reais por mês, valor considerando alto em 1995, mas que representa menos que 5% do que ganha Ronaldinho Gaúcho em 2011.

Esse é só um exemplo de como o futebol movimenta dinheiro e envolve interesses. Transações, patrocínios, cotas de televisão, todas as negociações envolvem cifras milionárias. “Em 2009, o mercado brasileiro de futebol gerou R\$ 1,9 bilhão. Em 2010, R\$ 2,1 bilhões. Para 2014, ano da Copa do Mundo, são esperados R\$ 3 bilhões.”⁴

O espaço ocupado pelo esporte na mídia também é enorme. Partidas dos principais campeonatos nacionais são transmitidas ao vivo pela televisão aberta. O público com acesso a TV por assinatura ainda pode acompanhar os jogadores brasileiros que atuam no futebol internacional. Campeonatos da Inglaterra, Alemanha, Argentina, França, Itália, Espanha e até da Rússia têm espaço na programação dos canais especializados. O futebol é um produto da indústria do entretenimento.

A novidade dos últimos anos é o aumento do número de telespectadores do sistema *pay per view*, que transmite todos os jogos do campeonato brasileiro através do pagamento de uma mensalidade. Segundo o jornalista Erich Beting, “entre 2009 e 2011, praticamente dobrou o número de venda do PPV. A negociação dos pacotes saltou de 686 mil para 1 milhão de compradores, sendo que a previsão da Globosat é encerrar o ano com 1,2 milhão de assinantes do sistema.”⁵

3 Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/859137-ronaldinho-ganhara-salario-parecido-com-o-que-recebia-no-milan.shtml>. Acessado: 02/06/11

4 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2011/01/romario-e-ronaldinho-operacoes-ousadas-com-cifras-bem-diferentes.html>. Acessado: 02/06/11

5 Disponível em <http://negociosdoesporte.blogosfera.uol.com.br/2011/05/26/o-crescimento-do-ppv-e-o-novo-acordo-do-brasileirao/>. Acessado: 03/06/11

Além disso, todos os dias o amante do futebol pode comprar jornais especializados ou acessar os diversos sites esportivos na internet. Atualmente, o próprio torcedor pode compartilhar sua visão sobre o futebol e colocá-la online em blogs ou redes sociais. Ou seja, nada escapa aos olhares dos fãs do esporte.

A exposição intensa fez aumentar a pressão em cima dos profissionais por boas exibições e transformou os jogadores de futebol em verdadeiros *pop stars*. O jogador normalmente atua duas vezes por semana sempre com exigências altíssimas, porém entrar em campo e fazer gols são apenas duas das atribuições do atleta. Campanhas publicitárias, participações em programa de televisão, eventos sociais, entre outros compromissos fazem parte da vida dos jogadores bem sucedidos. Tudo isso cercado pelo olhar atento dos fãs e *paparazzi*, tal como um astro do Hollywood.

No Brasil, o mais novo astro do futebol é Neymar. O atacante do Santos e da seleção brasileira tem apenas 19 anos, mas arrasta multidões de fãs por onde passa. “As meninas, aliás, gritaram histéricas pelo atacante santista, que apenas acenou. Já dentro do hotel, o garoto foi pressionado pelos microfones e negou ser protagonista.”⁶

O assédio e a exposição mudaram o relacionamento entre jornalistas e jogadores. Até a década de 1980, os jornalistas entravam nos vestiários após os jogos e entrevistavam os grandes nomes da partida ainda suados, muitas vezes sem camisa ou até de toalha. Hoje, dificilmente existe um contato inicial direto entre jogador e jornalista, tudo é feito através da figura do assessor de imprensa. Na teoria a função do assessor é tentar conseguir espaço para o seu cliente na mídia. No futebol a lógica é diferente. Os assessores esportivos funcionam como escudos dos clubes e jogadores. Nos grandes clubes do Brasil é assim: no máximo dois atletas dão entrevistas por dia, isso se o clube estiver vivendo um bom momento. Se o veículo quiser uma entrevista exclusiva, é preciso ligar para o assessor particular do jogador e, muitas vezes, conseguir simultaneamente a permissão do clube.

Uma das lamentações dos torcedores e da imprensa é que os grandes jogadores brasileiros saem muito cedo do país. Mesmo com o crescimento da economia, descrito acima, os atletas se transferem ainda jovens para grandes clubes da Europa. Muitas vezes, além das vantagens econômicas, eles almejam um reconhecimento mundial inatingível no futebol brasileiro. Nunca, por exemplo, um jogador que atua no Brasil esteve na lista da eleição dos melhores do mundo da FIFA. Por isso, é improvável um

6 Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2011/06/finalistas-neymar-e-elano-se-juntam-selecao-brasileira-em-goiania.html>. Acessado: 03/06/11

craque brasileiro do século XXI atuar durante quase toda carreira no Brasil, como fizeram jogadores como Pelé ou Garrincha. Essa realidade dificulta o estreitamento de laços entre os torcedores e um potencial ídolo do esporte brasileiro.

A seleção brasileira também convive com o distanciamento do torcedor local. A seleção joga a maioria dos jogos fora do país, como forma de atender as demandas comerciais e tem pouco contato com o público brasileiro. No ano de 2010, além das partidas da Copa do Mundo na África do Sul, a seleção atuou em sete amistosos, nenhum deles no Brasil.

A profissionalização do futebol invadiu as arquibancadas. Atualmente todo o clube grande ou médio do Brasil tem uma ou mais das chamadas torcidas organizadas, uma situação crescente desde da década de 1970. A maioria destas torcidas é uniformizada, ou seja, seus membros usam roupas com a marca da própria torcida, uma maneira de os distinguir dos outros torcedores. A partir da década de 1990, tornou-se uma prática comum essas associações ganharem ingressos gratuitos do clube, muitas vezes revendendo para o torcedor “comum”. Dentro das torcidas organizadas há uma estrutura de hierarquia, os cargos mais importantes são: presidente, vice-presidente e tesoureiro. Na maioria das vezes esses cargos são remunerados, são pagos com a renda obtida das mensalidades pagas pelos membros e pela venda de produtos ligados à torcida.

Ligados ao cotidiano dos clubes, as torcidas organizadas se sentem no direito de exigir ou reivindicar grandes atuações dos jogadores ou novas contratações dos diretores, muitas vezes através de protestos violentos.⁷ É comum, também, o envolvimento desses grupos de torcedores em brigas contra associações de times rivais. Como forma de ludibriar a polícia as torcidas organizadas do século XXI passaram a marcar confrontos violentos pela internet.⁸

4.2 Fim do romance; reino da objetividade

A década de 1970 tornou-se um marco da mudança no jornalismo esportivo, é quando os textos “apaixonados” começam a perder espaço. A busca pela objetividade e pela imparcialidade de outras editorias do jornal atingiu o esporte. Na época, as palavras

7 Disponível em http://www.lancenet.com.br/minuto/organizada-Botafogo-protesto-violento_0_466753506.html. Acessado: 04/06/11

8 Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/09/15/onze-integrantes-de-torcidas-organizadas-sao-presos-em-operacao-da-civil-917633821.asp>. Acessado: 04/06/11

“fato” e “verdade” viram as novas “queridinhas” das redações, e assim permanecem. Para uma geração recém-chegada ao mercado de trabalho, colunas romantizadas como as de Nelson Rodrigues, por exemplo, não podiam ser consideradas jornalísticas. O jornalista esportivo passa então a se dedicar aos aspectos técnicos do jogo.

A imprecisão diminui bastante nas páginas dos anos 70 em diante, graças ao compromisso da imprensa de contar a verdade. O que exclui o mito. O resultado é, muitas vezes, uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já merecem lugar na história. Gente como Rivaldo, Ronaldo, Romário, Bebeto, Dunga. (COELHO, 2004: 18)

Os defensores do jornalismo esportivo mais racional ganharam um belo reforço em 1992. Nesse ano, o jovem Melchiades Filho assumiu o cargo de editor de esportes da *Folha de S. Paulo* com o objetivo de focar a cobertura do caderno nos bastidores do esporte. Os microfones e lentes fotográficas dos jornais saem dos craques e passam a mirar nos dirigentes. Ao deixar o cargo, em 2005, o jornalista explicou a opção por essa linha editorial.

Muitos dizem que minha principal contribuição foi ter aberto o caminho para a cobertura sistemática dos bastidores do esporte na imprensa diária. Quando assumi, essa era de fato uma de minhas prioridades. Eu tinha muito claro o diagnóstico de que a política, a economia e a ciência exerciam influência direta sobre o resultado esportivo e, portanto, não poderiam ser desprezadas.⁹

Nessa nova fase, a *Folha* abandonou de vez a emoção. Os números do *Datafolha* se tornaram fonte de páginas inteiras com estatísticas dos jogos, o que desagradou alguns leitores-torcedores. O jornal da família Frias nunca teve tradição no noticiário esportivo, mas com essa mudança editorial, conseguiu encontrar um nicho de atuação que tornou a cobertura importante, sem ser atraente.

A Folha firmou-se em definitivo no jornalismo esportivo quando passou a preocupar-se mais com a cobertura do aspecto político do esporte do que propriamente com o que acontece dentro dos campos e quadras. Aos poucos, o jornal se tornou indispensável. O que não significa que tenha se tornado caderno querido de quem gosta de esporte. Ao contrário continua sendo

9 Entrevista à Paula Desgualdo e Thaís Naldoni. 28 de Março de 2006.
Disponível: http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas_noticias/2006/03/28/imprensa7308.shtml
Acesso em 08/05/2011

tratado como jornal que despreza a paixão, vive muito mais da razão.

(...) A Folha não tem caderno de esportes exatamente forte. Tem, sim, o melhor e único caderno de política do esporte do mundo. (COELHO: 2009; p. 88)

O jornal dos bastidores tornou-se um especialista em destruir mitos. Um exemplo foi cobertura após a eliminação da seleção brasileira da Copa do Mundo de 2006. Ronaldinho Gaúcho era o grande nome daquela equipe, melhor jogador do mundo eleito pela Fifa; o futebol do meia era reverenciado pelos torcedores brasileiros. No dia 4 de julho, dia seguinte à derrota do Brasil para França, o caderno da *Folha de S. Paulo* estampava: “A vida como ela é: Ronaldinho volta a Barcelona, deixa decepção de lado e aproveita suas férias com amigos, comida, dança e balada na madrugada”¹⁰. A matéria de Sérgio Rangel rendeu discussões sobre até onde vai o direito da imprensa esportiva. Vale intrometer-se na vida pessoal do atleta e vigiar o que ele faz em sua casa? Enquanto os jornalistas esportivos das décadas de 1950 e 1960 se preocupavam em construir ídolos, relatar grandes feitos com dramaticidade e emoção, a *Folha* ocupava um espaço nobre do jornal para buscar um culpado pelo fracasso.

No contexto dos textos sisudos, como explicar as notas de zero a dez dadas a cada jogador nos dias seguinte aos jogos? Essa atividade totalmente subjetiva é uma das favoritas dos leitores. No início do século XXI, o Ataque, suplemento esportivo do jornal O Dia, experimentou não publicar as famosas nota dos jogadores. A reação do leitor foi tão negativa que após algumas semanas as análises das atuações dos atletas voltaram a aparecer nas páginas do jornal.

Apesar de ter instaurado um “caderno de política do esporte” na Folha de S. Paulo, Melchíades Filho, surpreendentemente, demonstra preocupação com a falta de emoção nas coberturas atuais.

Acho que, para que dê um novo salto de qualidade, o jornalismo esportivo precisa se (re)apaixonar pelo esporte. Infelizmente falta mão-de-obra. Os repórteres qualificados e independentes tornaram-se cínicos demais; os que vibram com o jogo não me parecem tão dispostos a se qualificar e/ou a comprar brigas. No ano passado, quando eu já estava decidido a mudar de ares, até fiz uma reunião com nossos colunistas sobre essa minha angústia.¹¹

4.3 Três referências atuais

10 Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u105276.shtml> Acessado: 04/07/2006

11 Entrevista à Paula Desgualdo e Thaís Naldoni. 28 de Março de 2006.

Disponível: http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas_noticias/2006/03/28/imprensa7308.shtml
Acesso em 08/05/2011

Como apontado nos capítulos anteriores, entre as décadas de 1950 e 1970 o jornal *O Globo* teve na equipe da editoria de esporte nomes como Nelson Rodrigues e Mário Filho. Hoje, Fernando Calazans e Renato Maurício Prado são os jornalistas esportivos que têm, cada qual, uma coluna no renomeado jornal carioca.

Fernando Calazans começou a carreira em 1968 no *Jornal do Brasil*. Está no jornal *O Globo* desde 1988. Dois anos depois, passou a assinar uma coluna. Atualmente, também é comentarista no canal por assinatura ESPN. Participou da cobertura de sete Copas do Mundo, duas como repórter, 1970 e 1974, e, a partir de 1990, como comentarista.

Se os leitores de Calazans tiveram que apontar uma característica do jornalista, provavelmente será mencionado o mau humor. O estilo ranzinza e o elogio quase exclusivo aos jogadores do passado são marcas do colunista, um dos mais consagrados da atualidade. Frequentemente, o jornalista menciona ou compara o futebol atual com o do passado.

Ocorre um fenômeno curioso, muito curioso, que também se volta contra mim e contra colegas. [...] Nunca vi – nunca – um crítico literário ser rotulado de saudosista por exaltar a obra de Machado de Assis ou de Fernando Pessoa. Nunca vi – nunca – um crítico de cinema ser chamado de saudosista por reverenciar os filmes de Orson Welles ou de Luis Buñuel. [...] Agora, ah, agora vai um crítico de futebol enaltecer a obra ou mesmo um passe de Didi [...] O céu pode desabar sobre a cabeça do crítico esportivo. Pobre dele por ter testemunhado as andanças e as glórias de uma seleção pentacampeã mundial. Porque [...] neste país não temos culto à História do futebol Mundial.¹²

Segundo Calazans, os torcedores só se encantavam com partidas até a década de 1980; após essa data, só houve aborrecimentos. Em coluna publicada em 1991, o jornalista deixa clara essa opinião quando elogia o jogador Júnior, do Flamengo, então com 36 anos, nos últimos meses de carreira.

Não teria valido a pena [ir ao jogo num dia de sol forte] se em campo não estivesse o único remanescente, hoje em dia, da última geração de jogadores brasileiros que encantou as multidões de todos os estádio. Estou falando, naturalmente, de Leovegildo Lins Gama Júnior, que às vésperas de completar 37 anos, brindou o público com uma atuação primorosa. (CALAZANS, 1998: 103)

12 Coluna de Fernando Calazans, jornal *O Globo*. Dia 12/08/200, página 32.

Vale lembrar que, três anos após a publicação dessa coluna, o Brasil conquistou seu quarto título mundial, depois de 24 anos sem vencer uma Copa do Mundo, uma seleção que tinha como grande ídolo o atacante Romário. Ainda assim, Calazans acha que o futebol deixou de agradar ao grande público e a tendência é piorar. Essa opinião vai de encontro aos textos publicados pelo jornalista nos Mundiais de 2006 e de 2010. “Qual é a novidade desta Copa? Qual a sua contribuição para o futebol? É essa: fazer 1 a 0 e recuar para segurar o placar, garantir a vitória. É isso que os treinadores medíocres, sem talento nem imaginação, estão reservando para os fãs do futebol”.

Foi o que se viu no futebolzinho chinfrim apresentado por nomes de projeção como Verón, Tevez e Higuain, sem esquecer o superestimado Mascherano, de quem já vi boas partidas, claro, mas nunca que justificassem tamanho deslumbramento dos críticos. Então tivemos o Messi dando gols de presente para Tevez e Higuain. [...] ¹³

Como mostra o trecho, um dos poucos jogadores atuais a receber diversos elogios de Calazans é o argentino Lionel Messi, jogador do Barcelona e eleito duas vezes o melhor do mundo.

Renato Maurício Prado é outro colunista do *Globo*, escreve três vezes por semana no jornal. Atua também como comentarista do canal por assinatura SporTV e na Rádio CBN. Criou o projeto do jornal *Extra*, veículo popular das Organizações Globo, inaugurado em 1998, e dirigiu-o nos primeiros cinco anos. Dono de um estilo polêmico, Renato crítica com ênfase as más atuações, muitas vezes optando pela ironia ou pelo humor.

Abriram o aviário. O inglês Green não está mais sozinho. O goleiro argelino Chaouchi também engoliu um frangaço, na derrota de sua equipe para a Eslovênia, 1 a 0. Será que também culpará a pobre Jabulani? ¹⁴

É comum o jornalista publicar opiniões de torcedores recebidas por e-mail. Embora não faça alardes, o jornalista já assumiu ser torcedor do Flamengo. O clube inclusive sempre tem bastante destaque em seus textos, como no caso do personagem Bagá, um guardador de carro, torcedor fanático do Flamengo.

13 Coluna de Fernando Calazans, jornal O Globo. Dia 14/06/2010, página 06.

14 Coluna Renato Maurício Prado, jornal O Globo. Dia 14/06/2010, página 10

Às costas, o tradicional número 10 e agora... o nome de Ronaldinho Gaúcho! Bagá, quem diria, está "up-to-date". E, como de hábito, com a corda toda... Bastou me ver passar ao longe para abrir a bocarra, arreganhar a beíçola, exhibir o sorriso de poucos dentes e muita gengiva e soltar o urro primal, apavorando os pobres passantes que se encaminhavam para a entrada do metrô:

— CHEFIA! Agora, ninguém segura!!! Assim é o ciclope. Da ira santa à euforia, num piscar de olhos. E nem é preciso muito combustível para incendiar sua paixão.

— Com o Ronaldo Dentuço, o Thiago Canhota e o Hermano "Botinudo", não vai ter pra ninguém — vibrava, apesar da vitória magra e sofrida, na estréia do Gaúcho, diante do Nova Iguaçu.¹⁵

O jornalista também aborda com frequência os aspectos extracampo. Durante anos foi opositor confesso do então presidente do Vasco da Gama, Eurico Miranda, de quem ganhou uma ação na Justiça por calúnia. Nos últimos anos, Renato tem se destacado pela atenção especial que dá a rotina do jogador de futebol fora do ambiente de trabalho.

CIRCUITO DO COPO. Frequentadores assíduos da noite carioca, especialmente os do Bar Veloso, no Leblon; do Bar do Copa, no Hotel Copacabana Palace; e do Botequim São Nunca, na Barra da Tijuca, me enviam, rotineiramente, e-mails dizendo que não se espantam quando um conhecido jogador sofre mais um de seus inúmeros problemas musculares. Por que será?¹⁶

Colunista do jornal *Folha de S. Paulo*, Juca Kfoury é um dos principais nomes do jornalismo esportivo paulista. Formado em Ciências Sociais, trabalha na imprensa desde 1970. Começou a carreira na *Editora Abril*, onde trabalhou nas revistas *Placar* e *Playboy*. Foi colunista do caderno de esportes do *Globo* entre 1989 e 1991. Em 1995, começou a assinar uma coluna na *Folha*, onde ficou até 1999. Após uma passagem de seis anos pelo diário esportivo *Lance!*, voltou, em 2005, para a *Folha*. No mesmo ano, também foi contratado pelo portal da internet *UOL*, onde mantém um blog que já ultrapassou a marca de 145 milhões de visitas. Desde 2005, é comentarista dos canais por assinatura *ESPN* e *ESPN Brasil*. No rádio, ganhou destaque como apresentador do *CBN Esporte Clube* durante dez anos.

15 Coluna Renato Maurício Prado, jornal O Globo. Dia 04/02/10, página 08.

16 Coluna Renato Maurício Prado, jornal O Globo. Dia 30/06/10, página 05.

O jornalista se enquadra bem nas características do caderno de esportes da *Folha*, apontadas no capítulo 3.2. Juca Kfourri não deixa nenhuma questão importante dos bastidores do futebol sem atenção. Em 26 de setembro de 2005, na coluna que marcou sua volta à *Folha de S. Paulo*, o jornalista fez um breve resumo da evolução da legislação esportiva nos dez anos anteriores, um sinal de que a política sempre teria espaço nos seus textos.

O fato é que o futebol nacional progrediu nos últimos tempos, principalmente por tudo que aconteceu no último ano da gestão FHC, com a redação do Estatuto do Torcedor e com a lei da Moralização. Infelizmente, no entanto, e embora o presidente Lula tenha tido a grandeza de assiná-los como as principais leis de seu mandato, eis que da assinatura para cá só houve retrocessos. Voltou a promiscuidade do governo federal com a cartolagem.¹⁷

O estilo de Juca Kfourri rendeu-lhe alguns problemas nos últimos anos. De acordo com levantamento feito pelo site Consultor Jurídico¹⁸, o jornalista já enfrentou mais de 80 ações por injúria, calúnia ou difamação. Juca foi processado por nomes como Joseph Blatter, presidente da FIFA, Ricardo Teixeira, presidente da CBF, e Eduardo José Farah, ex-comandante da Federação Paulista de Futebol.

Durante a Copa do Mundo de 2010 foi um dos jornalistas que mais contestou o método do técnico Dunga e do presidente Ricardo Teixeira de comandar a seleção brasileira. Os jornalistas presentes na África do Sul tinham pouco acesso aos jogadores, já que a maioria dos treinos eram fechados e os atletas passavam o restante do dia reclusos na concentração.

O nome do inimigo já foi plenamente identificado pelo sargento Dunga e pelo secretário de inteligência da CBF, barão Ricardo Teixeira, também chamado de Ricardo 1º, o Único: Ari Teixeira, fotógrafo do diário Lance! que teve, imagine, a petulância de fotografar o treino fechado da seleção brasileiro na segunda-feira. [...] O frio e calculista sueco Sven Goran Eriksson imediatamente traçou a estratégia que levará a equipe africana à vitória contra os agora descobertos brasileiros. [...] Aí Dunga quer ver como ficará a cara de Eriksson, um inimigo capaz de urdir trama tão sinistra com a cumplicidade de jornalistas brasileiros, na verdade os maiores traidores da pátria amada, idolatrada, salve, salve!¹⁹

17 Coluna Juca Kfourri, Jornal Folha de S. Paulo. Dia 26/09/2005, página E6,

18 Disponível em http://www.conjur.com.br/2004-jun-03/jorge_kajuru_lidera_ranking_processos_justica. Acessado: 08/06/2011

19 Coluna Juca Kfourri, Jornal Folha de S. Paulo. Dia 29/06/2010, página D5.

Na citação, Juca é irônico ao se referir ao episódio em que o técnico Dunga criticou duramente a imprensa por divulgar uma foto feita pelo jornal *Lance!*, em que Josué aparecia treinando no time titular no lugar de Gilberto Silva.

No dia seguinte ao jogo de abertura da Copa do Mundo, o jornalista usou mais da metade do espaço destinado a sua coluna para lamentar os problemas estruturais do evento.

O CAOS. As duas horas e meia de previsão para fazer o trajeto de 33 quilômetros ficaram para trás com sobras. Foram 3 horas e 15 minutos com saída às 10h45 para ver um jogo marcado para as 16 horas. A chegada ao estádio não foi melhor: o ônibus nos deixou a quilômetros da porta da tribuna de imprensa sobre a qual, por sinal, nenhum voluntário sabia informar com exatidão. Sobraram simpatia, boa vontade e incompetência.²⁰

Os seguidos textos focados na política e nos bastidores do esporte resultaram no livro *Por que não desisto - futebol, dinheiro e política*. A publicação é uma coletânea dos artigos das últimas duas décadas de Juca Kfourri, organizada pelo jornalista Márcio Kroehn, repórter da *Istoé Dinheiro*.

Diferente da maioria dos jornalistas, Juca Kfourri revela abertamente o seu time de coração. Embora, não seja efusivo nos comentários e sempre opte pela descrição, o jornalista nunca escondeu sua preferência pelo Corinthians.

20 Coluna Juca Kfourri, jornal Folha de S. Paulo. Dia 12/06/2010, página D3.

5 ANÁLISE COMPARTIVA

No decorrer deste trabalho foram expostos alguns dos principais momentos do jornalismo esportivo brasileiro, com destaque especial para a crônica que vai das décadas de 1930 a 1970 (compreendendo Mario Filho e Nelson Rodrigues, dois dos principais expoentes) e as colunas futebolísticas da atualidade (como as assinadas por Fernando Calazans, Renato Maurício Prado e Juca Kfourri, três jornalistas de grande visibilidade no cenário nacional). Por se encontrarem em contextos históricos, sociais e jornalísticos tão distintos, faz-se necessária uma análise comparativa um pouco mais detalhada, a fim de avaliar as peculiaridades e diferenças de cada um desses momentos dentro da história do jornalismo esportivo brasileiro.

Se há uma característica que perpassa todo texto esportivo, independente do momento histórico, é o interesse pelos personagens que compõem o espetáculo do futebol: os jogadores e suas respectivas equipes. São eles os protagonistas de toda a paixão e comoção que o futebol desperta em uma sociedade. Suas trajetórias dentro de campo são narradas com semelhante interesse até hoje nos periódicos brasileiros, que em poucas linhas são capazes de criar vilões e heróis, transformar heróis em ídolos, e elevar os ídolos a deuses do futebol.

Parecia que ele prendia a bola na chuteira com um cordão ou com um elástico, mais com um elástico do que com um cordão, pois a bola ia e vinha, afastava-se do pé dele e era novamente atraída, girando como a terra em torno do sol ou coisa semelhante. Ele sabia, ora se o sabia, que estava dando “show”, que era o Dr. Rúbis. Não esperava que a plateia pedisse bis, ia bisando. (FILHO apud MARON & FERREIRA, 1987:73)

Nelson Rodrigues foi talvez o jornalista que mais se destacou nesse aspecto, com seus textos de qualidade literária, sempre exaltando os personagens do jogo e atribuindo carga dramática e transcendência a um simples rolar da bola. Acompanhados de adjetivos e metáforas de grande sensibilidade, muitos foram os jogadores que ganharam através das linhas de Nelson Rodrigues um lugar de destaque na história do futebol. Apesar de não ter sido o primeiro a dar às crônicas esportivas um caráter literário, Nelson Rodrigues permanece como referência desse estilo para o jornalismo esportivo.

Agora, a palavra final sobre Zizinho. Já falei, aqui, várias vezes, sobre o mestre. Mas ele é um desses assuntos imortais do futebol. E um bom assunto não se esgota numa crônica, ou em duas, três, quatro ou cinco. Ainda uma vez, Zizinho brincou com a própria eternidade. De fato, tudo acaba, menos ele. Troçou cruelmente dos italianos, dando-lhes um banho sádico de bola. O público do Maracanã desejava mais um gol. Seria, então, uma resposta integral aos 3 x 0 de Milão. E ninguém quis ver que ficamos plenamente vingados, a partir do momento em que, com suas jogadas geniais e crudelíssimas, Zizinho fez da *Azzurra* um escrete quase cômico. O show do “velho” importou na revanche total. Zizinho venceu a Itália (RODRIGUES, 2007: 105).

Embora, hoje, o tom literário dado aos textos esteja muito distante do que Nelson um dia escreveu, é ainda possível notar o grande interesse pelos personagens de destaque de um jogo.

Os nigerianos que o digam. Não há medida que meça a genialidade do pequeno craque. Lionel Messi é a demonstração acabada de quanto o futebol é o mais democrático dos esportes. A exemplo do que já ocorrera com Mané Garrincha e Maradona, para citar dois Gênios. [...] Messi não foge à regra, com essa saudável mania de ir em direção ao gol, bola colada no pé, veloz, lépido, cabeça erguida porque não precisa olhar para a redonda que parece extensão do seu corpo. E há neurocientistas que garantem que é isso mesmo, o objeto passa a fazer parte, no caso, do pé do craque - pé de moleque que não só joga futebol como poucos mas também joga bola mesmo nesta Copa do Mundo, que deve tê-lo como seu maior nome, seja ou não campeão.²¹

No trecho destacado, Juca Kfourri expõe sua admiração pelo jogador argentino Lionel Messi. No jornalismo praticado no século XXI, esse tipo de exaltação é rara, e em geral, reservada para atletas que são unanimidades, tal como Messi, duas vezes eleito o melhor do mundo e multi campeão com o Barcelona, da Espanha. Para o jornalista Paulo Vinícius Coelho, a escassez de textos mais emocionais, que exaltem de maneira marcante uma atuação destacada ou uma grande carreira, acarreta a dificuldade de consagrar e deixar marcados na história do esporte alguns ídolos do futebol brasileiro atual. “Alguém precisa fazê-la (emoção) retornar ao cotidiano das páginas esportivas. Mesmo que alguns mitos da história do esporte brasileiro, como Dunga, Romário e Ronaldo, tenham ficado perdidos num tempo restrito à descrição nua e crua da realidade” (COELHO, 2009, p.23).

21 Coluna Juca Kfourri, jornal Folha de S. Paulo. Dia 13/06/2011, página D3

Até mesmo em momentos únicos do futebol, o tom descritivo e a tentativa de uma abordagem imparcial é recorrente nas colunas esportivas da atualidade. Na coluna que trata da última partida como jogador do meia Petkovic, Fernando Calazans optou por ocupar metade do espaço da coluna com uma análise fria do empate entre Corinthians e Flamengo. Ao momento da despedida de Pet foram reservadas poucas linhas. Vale ressaltar que o sérvio é o estrangeiro que mais atuou no campeonato brasileiro e que mais marcou gols. Além de ter se tornado um ídolo da torcida rubro-negra, o meia também teve boas passagens por Vasco e Fluminense.

A festa produzida pelo Flamengo para a despedida de Petkovic foi bonita e emocionante – mais emocionante e bonita do que a partida com o Corinthians no campo, porque a grande protagonista foi a torcida rubro-negra na arquibancada. Partida aliás, não foi ruim. E que só terminou em 1 a 1, porque os dois times desperdiçaram boas oportunidades de gol. O Corinthians, melhor no primeiro tempo, particularmente no início. O Flamengo, melhor no segundo, sobretudo no início e no fim.²²

Mesmo ao destacar uma grande performance ou os responsáveis por um título significativo, os comentários são comedidos. É o caso do texto escrito por Renato Maurício Prado, que coloca Éder Luís como o grande nome da conquista histórica da Copa do Brasil pelo Vasco da Gama. O colunista optou por explicar de maneira objetiva o porque do destaque ao atacante, sem adjetivar sua atuação.

O nome do jogo. Na fria e dramática noite de Curitiba, o grande herói cruzmaltino foi Éder Luís. Autor do cruzamento para Alecssandro marcar o primeiro gol, ele fez o segundo – que acabaria sendo o do título. Além disso, puxou contra-ataques perigosíssimos e deixou os companheiros em excelentes condições para finalizar.²³

Ao longo dos anos, um personagem do futebol adquiriu importância e ganhou mais espaço nas colunas de esporte, o técnico. No dia 20 de novembro de 2006, por exemplo, Juca Kfoury escreveu um texto sobre o título brasileiro conquistado pelo São Paulo – um dos grandes times da cidade-sede da *Folha* – no dia anterior. Após um domingo de festa, os torcedores encontraram no impresso de segunda-feira uma ode ao técnico Muricy Ramalho, com o título “Muricy, o Telezinho”, uma referência ao ex-

22 Coluna Fernando Calazans, jornal O Globo. Dia 06/06/2011, página 02

23 Coluna Renato Maurício Prado, jornal O Globo. Dia 10/06/2011, página 05

técnico Telê Santana. Nenhuma linha, na coluna de Juca, foi destinada aos jogadores, igualmente campeões.

E Telê ainda teria um motivo a mais para estar alegre. Adoraria ver no que se transformou seu auxiliar-técnico Muricy Ramalho, feito à sua imagem e semelhança. Obstinado, perfeccionista, sério, decente e sem jogadas de promoção pessoal. Mais: Muricy Ramalho passou ontem o dia e a noite dando entrevistas. Em todas elas, quando perguntado sobre a importância do treinador num título, ele respondeu: 25%. [...] Muricy disse também que mais importante que o dinheiro é a satisfação de realizar um trabalho bem feito. Muricy Ramalho parece não ser do Século 21. Mas tem cada vez mais o jeito de seu mestre Telê. Um verdadeiro Telezinho, o diminutivo aqui empregado por carinho, não para diminuí-lo, muito ao contrário.²⁴

Numa frequência bem menor do que a atual, os treinadores já apareciam como figura das crônicas de Nelson Rodrigues. Porém, a abordagem era bem diferente. Se hoje, os técnicos são legítimos comandantes da equipe, ganham salários comparáveis aos dos craques e muitas vezes recebem grande parcela dos louros da vitória, Nelson Rodrigues os tratava como personagens folclóricos, zombava do cargo, atribuía pouco (ou nada) das glórias ao treinador.

Peço aos idiotas da objetividade que me dispensem. Mas, a estrela é a única virtude do técnicos. Dirão, ainda uma vez, os idiotas da objetividade: - “Quer dizer que o técnico pode ser analfabeto?” Sim, pode ser até isso, até analfabeto. Um dos clubes teve, certa vez, um técnico que não sabia nem as quatro operações. [...] Como eu digo, pode-se ser analfabeto, mas burro não. Ele se aguentava porque tinha sorte, o desgraçado tinha sorte demais. Até que um dia, de um calor inacreditável, ele comprara um chica-bom. Começa a lamber o chocolate e ele, sem perceber começou a lamber não se saber o quê. De repente, engole o próprio pauzinho. [...] Dirão os idiotas da objetividade: - “Mais importante do que a sorte é o caráter”. Infelizmente, o caráter do técnico não influi em nenhum triunfo do time. [...] A amarga experiência com o honesto desiludiu toda a diretoria. Apelou-se para essa solução – despedir aquele ímpoluto e chamar o vigarista confesso. O vigarista voltou e o time recomeçou a ganhar de todo mundo. (RODRIGUES *apud* MARON & FERREIRA, 1987: 112)

Vicente Feola, técnico do primeiro título mundial do Brasil, em 1958, contava com a desconfiança de boa parte da imprensa, que não o levava a sério, acusando-o de

24 Coluna Juca Kfourri, jornal Folha de S. Paulo. Dia 21/11/2006, página D5

cochilar no banco de reservas durante os treinos. Acusações difíceis de se imaginar no futebol profissional atual. Nelson Rodrigues destacou de maneira inusitada Feola, na crônica *O Gordo Salvador*.

A despeito da distância, porém, é como se eu o estivesse vendo com a doce, a generosa cordialidade que é o clima dos gordos de todos os tempos. E aqui pergunto: — um Feola magro teria sido melhor para o escrete? Não creio e explico. É preciso ver os magros com a pulga atrás da orelha. São perigosos, suscetíveis de paixões, de rancores, de fúrias tremendas. E, até hoje, que eu me lembre, todos os canalhas que conheci são, fatalmente, magros. Acredito que Feola esteja no profundo e amargo arrependimento de ser gordo. Mas, se assim for, temos de admitir a sua ingenuidade. Pois uma de suas consideráveis vantagens de homem e, atrevo-me a dizê-lo, de técnico está nesta circunstância, que ele deplora e repudia. Numa terra de neurastênicos, deprimidos e irritados, convém ter o macio, o inefável humor dos gordos. A banha lubrifica as reações, amacia os sentimentos, amortece os ódios, predispõe ao amor. [...] E uma das coisas que me levam a acreditar no Brasil como campeão do mundo é o fato de termos, finalmente, um técnico gordo. (RODRIGUES, 1993:55)

O destaque à importância do técnico na imprensa esportiva atual tem relação direta com a relevância que os aspectos táticos ganharam nos últimos anos. É comum uma análise de um time, ou de um resultado, tratando os jogadores como peças de um tabuleiro e o futebol tal como uma partida de xadrez, esporte que precisa de tática e estratégia para vencer. Nesse cenário, o técnico seria justamente o jogador de xadrez, aquele que move as peças e determina o andamento da partida.

Hermanos sem técnico. Maradona é, sem dúvida, uma das cintilantes estrelas desta Copa. Mas treinador não é. A Seleção argentina não passa de um amontoado de grandes jogadores do meio-campo para frente. Não tem esquema tático, estratégia ou jogadas ensaiadas. Tudo depende de lances individuais.²⁵

A diferença de abordagem sobre temas semelhantes é perceptível. Entretanto, é importante ressaltar que, ao longo dos anos, novas temáticas relacionadas ao futebol “invadiram” as colunas. Os bastidores e a política do esporte nunca tiveram tanto espaço na imprensa esportiva. Temáticas que até a década de 1970 não despertavam tamanho interesse dos colunistas. Nas pesquisas feitas para elaboração desse trabalho e nos quatro livros usados como base – coletâneas de crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho – não foi encontrado nenhum texto sobre política no futebol.

25 Coluna Renato Maurício Prado, O Globo. Dia 13/06/2010, página 09

Como abordado no capítulo 4.3, seguindo uma linha editorial da *Folha*, Juca Kfourri reserva diversas colunas para falar sobre a política do futebol.

O Chefão dos cartolas está em hospital terminal, abandonado, numa cama de hospital, um ótimo hospital, diga-se desde logo. [...] No mundo da bola, a sucessão do cartolão já está mais que decidida depois de uma guerra surda e milionária nos bastidores. Exaurido e se sentindo traído, eis que o velho homem resolve se confessar, talvez por acreditar que a salvação ainda seria possível. Mas não pede à prestimosa enfermeira que chame um padre. Não, manda ligar para o jornal em que trabalha o repórter que nunca lhe deu sossego e o chama para conversar.²⁶

O trecho é da coluna em que Juca Kfourri aborda, de forma irônica, as denúncias de corrupção na FIFA. Os colunistas do *Globo*, Renato Maurício Prado e Fernando Calazans, talvez por uma questão de linha editorial das organizações Globo, evitam uma abordagem mais profunda sobre os bastidores políticos dos principais órgãos do futebol, CBF e FIFA. Porém, reservam um bom espaço para as questões políticas dos clubes do Rio de Janeiro.

O que é este clube hoje? Um clube que discrimina até sócios — os que são a favor e os que são contra o presidente que, há 20 anos, ocupando diversos cargos no clube, vem transformando esse clube numa espécie de propriedade familiar, como mostrou, domingo, a excelente reportagem de Fellipe Awî, muito bem intitulada de “A dinastia”. Que poderia ser também “Dr Eurico e seus três filhos”.²⁷

Além da política, outros fatores extracampo são recorrentes nos textos atuais. São comuns especulações sobre negociações entre jogadores e clubes serem publicadas pelos colunistas.

Depois de Zico, como gerente profissional de futebol, a presidenta do Flamengo, Patrícia Amorim, está pronta para marcar mais um golaço. Por telefone, ela me confirmou, ontem, que Luiz Felipe Scolari, o Felipão, técnico campeão do mundo com a seleção brasileira, na Copa de 2002, está a um passo de assinar contrato com o clube rubro-negro. As conversas vinham se realizando há algum tempo e o acordo está praticamente fechado, desde o final de semana passado.²⁸

26 Coluna Juca Kfourri, jornal Folha de S. Paulo. Dia 02/06/2011, página D5

27 Coluna Fernando Calazans, jornal O Globo. Dia 10/05/2005, página 02

28 Coluna Renato Maurício Prado, jornal O Globo. Dia 09/06/2010, página 09

A negociação entre Felipão e Flamengo não se concretizou, muito em função do vazamento da notícia na coluna acima. O técnico ficou irritado com a situação e acabou acertando contrato com o Palmeiras. Como anteriormente colocado no capítulo 4.3, Renato Maurício Prado também é um dos jornalistas que se notabiliza por abordar elementos da vida pessoal dos atletas. Segundo ele, essa temática é válida se a rotina do jogador atrapalha o desempenho em campo. Porém, as férias dos jogadores também já receberam atenção do colunistas.

Gaúcho barbarizando. O Twitter do Click RBS garantia ontem que Ronaldinho Gaúcho está passando a Copa do Mundo em Florianópolis e anda com o diabo no corpo, pintando e bordando na noite. É um golaço atrás do outro. Ontem, ele fechou o mezanino do El Divino Lounge, um dos mais badalados points de Floripa.²⁹

Em contrapartida, em uma das poucas vezes que a vida pessoal dos atletas é destacada, Mário Filho opta por minimizar os problemas extracampo dos atletas. O cronista, inclusive, usa as polêmicas da vida pessoal para exaltar Leônidas, jogador da seleção brasileira entre 1934 e 1946, e explicar por que ele era mais querido que Romeu, titular da seleção na Copa de 1938.

Popular era Leônidas, o inventor da bicicleta. Mais do gosto do brasileiro. Pouco importava que ele se metesse em escândalos, que não se pudesse contar muito com ele. Talvez, inclusive, essa volubilidade de Leônidas ajudasse, tornando-o ainda mais querido. O clube que o tivesse precisava conquistá-lo todos os dias, todos os jogos. Já um Romeu Peliciari, mal comparando, era o marido, que levava embrulho de manteiga para casa, vivendo só para uma família nunca foi popular. (RODRIGUES apud MARON & FERREIRA, 1987: 70)

Ao longo da carreira, um dos maiores nomes do futebol mundial, Garrincha, teve uma vida desregrada, boêmia. Em diversas crônicas, Nelson Rodrigues exaltou o talento do Mané. Durante a pesquisa para o trabalho foram encontrados cinco textos dedicados exclusivamente à Garrincha, e em nenhum deles, Nelson aborda a relação do jogador com a bebida ou sua vida pessoal polêmica. Mesmo, os que tratam do declínio do jogador preferem se restringir aos elementos do jogo e mostram sempre confiança na volta por cima do craque brasileiro.

29 Coluna Renato Maurício Prado, jornal O Globo. Dia 18/06/2010, página 08

Mas há, na crônica, quem o trate como um defunto do futebol. Chega a ser patusca a insistência com que vários colegas anunciam a morte do Garrincha de 58 e de 62. E Mané tem que ser exumado. Só o povo é que, na sua imaculada boa-fé, não acredita no fim do ídolo. Sempre que ele recebia a bola, a multidão caía em estado de graça plena. E vamos e venhamos: — para um defunto, Mané parecia ontem salubérrimo. (RODRIGUES, 1993:135)

Os colunistas da atualidade, frequentemente, dividem o espaço destinado ao texto em pequenas notas. Preferem abordar diversos temas, de maneira direta e objetiva, a se restringir a um assunto, tratando-o de maneira profunda. Nas publicações de Mário Filho e Nelson Rodrigues não existia essa divisão, as crônicas discorrem sobre apenas um tema. Esse é um dos aspectos que distancia os textos atuais das características da crônica apresentadas no capítulo 2. É raro, também, encontrar nas colunas do século XXI um humor lírico, a abordagem de temas aparentemente acidentais ou inexpressivos, que na verdade envolvem o assunto central, características do gênero crônica. A grande maioria prefere ir direto ao ponto, optando por informações objetivas.

6 CONCLUSÃO

Assim como o jornalismo e o futebol mudaram com o passar dos anos, a crônica esportiva também seguiu esse caminho. Deixou para trás um tempo romântico, recheado de dribles fantásticos, gols mágicos e jogadores que mais pareciam mitos, para ser comprometido com a “verdade”. Os exageros da imaginação ou uma leve ficção cederam espaço para as análises táticas ou os palpites burocráticos.

Como mostrado no decorrer do trabalho, em um primeiro momento, em especial nos anos que antecederam a profissionalização do futebol, os jornais apenas se preocupavam em noticiar os serviços da partida: local, horário e os *teams* envolvidos no *match*. Passado esse momento, em que o futebol era visto como um evento social, os jornais, percebendo o novo mercado, começaram a dedicar mais páginas ao esporte. Primeiro através de pequenas notas, que mais tarde se transformaram em algumas páginas, até se constituírem no grande mercado de hoje. Essa transformação se deu pelo fato do esporte ter arrebatado um grande número de fãs, em especial após a conquista do Sul-Americano de 1919 pela seleção brasileira, que colocou o Brasil definitivamente no cenário mundial do futebol.

Com Mário Filho e, mais tarde Nelson Rodrigues, a crônica esportiva tomou novos rumos. Deixou de ser apenas um mero relato ou cobertura da partida para ganhar um ar de literatura. Perde-se um pouco da verdade dos fatos, ganha-se em humanidade e emoção. Com a liberdade que a literatura oferece e aproveitando o espaço da crônica no jornal, os irmãos Rodrigues deram uma nova roupagem ao texto esportivo, misturando a ficção com a realidade, acrescentando a metáfora e a dramaticidade aos acontecimentos, facilitando a criação de mitos e a repercussão dos fatos positivos e negativos. Da mesma forma que Garrincha ou Pelé buscavam o drible para satisfazer a torcida, o cronista procurava a frase de efeito, um discurso que tivesse permanência além do dia seguinte ao jogo.

Nelson Rodrigues foi o responsável por consolidar aquilo que Mário Filho havia lançado. A sua crônica deu liberdade para que nomes como Armando Nogueira, Carlos Drummond de Andrade e Luís Fernando Veríssimo, por exemplo, produzissem os seus textos. Enquanto Armando era um especialista nesse *métier*, Drummond e Veríssimo, esporadicamente, dedicaram suas crônicas ao futebol – geralmente em anos de Copa do Mundo. Contudo, os três são exemplos, em seus respectivos discursos, da aproximação da crônica esportiva e da literatura.

Atualmente, o futebol tornou-se um negócio, que envolve grandes somas de dinheiro e muitos interessados – mais um segmento do mercado. Acompanhando esse cenário, o jornalismo esportivo se “moderniza”, passa a ter certo distanciamento crítico, separando – ou evitando ao máximo – aquele apego às cores clubísticas na hora da avaliação, evitando o risco da parcialidade.

Podemos traçar, resumidamente, um paralelo entre o futebol e a crônica. Ambos foram abraçados através da ginga e da conversa informal. O futebol foi influenciado pela ginga do negro, a capoeira, o samba, enquanto a crônica incorporou a oralidade e a trivialidade do cotidiano. Incorporando esse cotidiano, a crônica, conseqüentemente, trouxe para si o futebol, tornando-o matéria literária, tratando e identificando nele uma identidade nacional.

Deve-se lembrar que a crônica não está subordinada à temática do futebol. Desde o século XIX, ela ocupa um espaço no jornal. Nesse lugar, o cronista deve estar atento ao cotidiano para traduzir em palavras suas impressões, seus comentários. Não se exige um rigor conceitual, mas uma subjetividade que comenta as marcas humanas do cotidiano. O futebol apenas entra nesse universo de interesses do cronista. No entanto, em algum momento da história dessa relação entre crônica e futebol, o cronista esportivo vai deixando de ser cronista, abandona a literatura e a paixão para assumir ares de especialista – um profissional que estuda o futebol.

Os textos contemporâneos ficaram restritos ao discurso especializado, que coloca carimbo de aprovado, ou não, naquilo que está sendo assuntado. Propaga a isenção e ausência de passionalidade. Nada mais de partidas épicas, dribles mágicos ou gols de placa contados por meio de hipérboles ou ironias. Os textos são sintéticos e objetivos, nada de descrições maravilhadas ou extasiadas. Ou seja, não é mais possível identificar as características do gênero crônica nos textos atuais. O resultado desse cenário é a troca das crônicas pelas colunas analíticas. Inclusive, o nome de crônica esportiva pode estar aos poucos caindo em desuso. Prefere-se falar de jornalista esportivo, algo que fica mais próximo da isenção e da realidade dos fatos.

Como apresentado no capítulo 4.2, Melchiades Filho, ex-editor do caderno de esporte da *Folha de S. Paulo*, levantou a hipótese da falta de mão de obra capaz de fazer textos mais apaixonantes. Ele afirmou que “os repórteres qualificados e independentes tornaram-se cínicos demais; os que vibram com o jogo não me parecem tão dispostos a

e qualificar e/ou a comprar brigas”³⁰. É compreensível que no cenário atual, o jornalista evite dar opiniões que possam ser confundidas com um discurso passional do torcedor ou do indivíduo não especializado. Afinal, o modelo do jornalismo do século XXI prega a imparcialidade e os cadernos de esportes não fugiram a essa tendência. Talvez, por isso, na época de grandes eventos como a Copa do Mundo, nomes como Luís Fernando Veríssimo apareçam entre o noticiário esportivo. Apesar de ser amante do esporte e escrever sobre o tema com certa frequência, Veríssimo não é identificado pelo público como um especialista do futebol, e assim pode se “contaminar” com opiniões parciais ou análises puramente pessoais sem nenhum embasamento tático ou técnico.

Mas, será que um jornalista que escreve cotidianamente no caderno de esportes é incapaz de escrever uma crônica? Esse é um questionamento que requer uma pesquisa mais profunda, possivelmente através de entrevistas com os atuais jornalistas esportivos e editores. Além disso, seria pertinente um trabalho que analisasse a influência da popularização de meios de comunicação como a televisão e a internet nesse cenário.

Por fim, a crônica esportiva escrita ao longo dos séculos XX e XXI transformou-se em um simples “colunismo” – sem ficção, quase sem humanidade ou emoção –, em que se preserva a personalidade, mas deixa de ser literária para ser apenas opinião, diagnóstico, argumentação, análise fria e objetiva, ausência de passionalidade. Observando essa mudança, é possível entender o motivo pelo qual Juca Kfourri afirmou que Armando Nogueira “foi um dos últimos cronistas esportivos do Brasil”.

30 Entrevista à Paula Desgualdo e Thais Naldoni. 28 de Março de 2006.
Disponível: http://portalimprensa.uol.com.br/portal/ultimas_noticias/2006/03/28/imprensa7308.shtml
Acesso em 08/05/2011

6 BIBLIOGRAFIA

Livros:

BENDER, Flora Cristina. & LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993

SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2005

CANDIDO, Antônio, "A vida ao rés-do-chão", em **Recortes**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, pp. 26-34.

MELO, José. Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2009

CASTRO, Ruy. **O anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARON FILHO, Oscar. & FERREIRA, Renato. (Org.). **Fla-Flu... e as multidões despertaram**. Rio de Janeiro: Europa, 1987.

RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais : crônicas de futebol**. Seleção e notas Ruy Castro. São Paulo : Companhia das Letras, 1993

RODRIGUES, Nelson. **O profeta tricolor: cem anos de Fluminense**. Organização de Nelson Rodrigues Filho. São Paulo : Companhia das Letras, 2002

RODRIGUES, Nelson. **O reacionário**. Rio de Janeiro: Agir, 2008

CALAZANS, Fernando. **O nosso futebol**. São Paulo: Mauad, 1998.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1982.

As cem melhores crônicas brasileiras. Organização e introdução Joaquim Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

Teses:

PAIVA, Rodrigo. **A evolução da crônica esportiva nos jornais brasileiros**. Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de comunicação, 2006.

BRAUNER, Eugênio. **Entre as quatro linhas**. Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, 2010.